

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E TECNOLOGIA (PPGEL)**

**FERNANDA BRANDALISE BOGONI**

**DISSERTAÇÃO**

**O LIVRO NA CIBERCULTURA: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE LEITURA  
DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

**CURITIBA**

**2018**

**FERNANDA BRANDALISE BOGONI**

**O LIVRO NA CIBERCULTURA: UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS DE  
LEITURA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito para obtenção do título de mestre em Linguagem, na área de concentração de Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima.

**CURITIBA**

**2018**

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

---

B675L Bogoni, Fernanda Brandalise  
2018 O livro na cibercultura : um estudo sobre práticas de leitura de  
estudantes universitários / Fernanda Brandalise Bogoni.-- 2018.  
114 f.: il.; 30 cm.

Disponível também via World Wide Web.

Texto em português com resumo em inglês.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens. Área  
de Concentração: Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia,  
Curitiba, 2018.

Bibliografia: f. 85-88.

1. Livros e leitura. 2. Livros eletrônicos. 3. Literatura e  
Internet. 4. Interesses na leitura. 5. Computadores e civilização. 6.  
Comunicação e as artes. 7. Estudantes universitários - Curitiba (PR)  
- Livros e leitura. 8. Pesquisa qualitativa. 9. Pesquisa quantitativa.  
10. Linguagem e línguas - Dissertações. I. Lima, Marcelo Fernando de,  
orient. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de  
Pós-graduação em Estudos de Linguagens. III. Título.

CDD: Ed. 22 - 400

---

**Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR**  
**Bibliotecária: Luiza Aquemi Matsumoto CRB-9/794**



**ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO Nº 15**

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS  
**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E TECNOLOGIA**  
**LINHA DE PESQUISA: ESTÉTICAS CONTEMPORÂNEAS, MODERNIDADE E TECNOLOGIA**

No dia 19 de fevereiro de 2018 às 14h, reuniu-se na Sala B205 da Sede do *Campus* Curitiba a banca examinadora composta pelos pesquisadores indicados a seguir, para examinar a dissertação de mestrado da candidata Fernanda Brandalise Bogoni, intitulada *O livro na cibercultura: um estudo sobre práticas de leitura de estudantes universitários*.

**Orientador:** Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

Após a apresentação, a candidata foi arguida pelos examinadores que, em seguida à manifestação dos presentes, consideraram o trabalho de pesquisa:  Aprovado. ( ) Aprovado com restrições. Revisor indicado para verificação: \_\_\_\_\_ ( ) Reprovado.

Observações:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Nada mais havendo a tratar, a sessão foi encerrada às 16h 09 min, dela sendo lavrada a presente ata, que segue assinada pela Banca Examinadora e pelo Candidato.

A candidata está ciente que a concessão do referido título está condicionada à(o): (a) satisfação dos requisitos solicitados pela Banca Examinadora; (b) entrega da dissertação em conformidade com as normas exigidas pela UTFPR; (c) atendimento ao requisito de publicação estabelecido nas normas do Programa; e (d) entrega da documentação necessária para elaboração do Diploma. A Banca Examinadora determina um **prazo máximo de 30 dias**, considerando os prazos máximos definidos no Regulamento Geral do Programa, para o cumprimento dos requisitos (desconsiderar caso reprovado), sob pena de, não o fazendo, ser desvinculado do Programa sem o Título de Mestre.

Dr. Marcelo Fernando de Lima presidente – PPGEL/UTFPR

Dr. Celso Rogério Klammer – membro avaliador – U. Positivo

Dr.ª Maurini de Souza – membro avaliador – PPGEL/UTFPR

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
*Fernanda B. Bogoni*

Assinatura do Candidato:

(reservado à Coordenação)

**DECLARAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE**

A Coordenação do Programa declara que foram cumpridos todos os requisitos exigidos pelo Programa de Pós-Graduação para a obtenção do Título de Mestre.

Curitiba, 19 de fevereiro de 2018.

*Paula Ávila Nunes*  
Carimbo e Assinatura do(a) Coordenador(a) do Programa

**Profª Drª Paula Ávila Nunes**  
Coordenadora  
PPG em Estudos de  
Linguagens (UTFPR/CT)

## RESUMO

Essa dissertação se propõe a refletir sobre a questão dos livros, impressos e eletrônicos, no que tange ao consumo destes enquanto produtos físicos e também com relação à leitura. Busca, ainda, analisar as práticas de leitura de um grupo de estudantes universitários, a partir do contexto da Cibercultura. Com base na revisão bibliográfica de autores como Compagnon (2010), Chartier (1999), Darnton (2009), Poe (2011) e Lipovetsky (2015), aborda temáticas como a leitura e o leitor, a teoria da recepção, a história e o futuro do livro, a Cibercultura, entre outras. Para tanto, utiliza-se da análise de dados levantados a partir de algumas pesquisas: quantitativas e qualitativas, todas realizadas no segundo semestre de 2016 com estudantes universitários das áreas de comunicação e artes de uma instituição de Curitiba, no Paraná, por meio de uma disciplina eletiva voltada à discussão de literatura, Cibercultura e afins. Os resultados mostram que o jovem universitário ainda lê livros impressos e, embora muitas vezes o faça apenas por necessidade, encontra prazer nessa atividade que muito tem ligação com a construção de sua identidade na vida real e na internet.

**Palavras-chave:** Leitura. Literatura. Cibercultura. Livro impresso. Livro eletrônico.

## **ABSTRACT**

This project proposes to reflect on the issue of books, print and digital, regarding the consumption and reading of these as physical products and also with regard to reading. It also seeks to analyze the reading practices of a group of university students, from the context of Cyberculture. Based on the bibliographic review of authors such as Compagnon (2010), Chartier (1999), Darnton (2009), Poe (2011) e Lipovetsky (2015) it talks about themes like the theory of reception, the history and future of the book, the Cyberculture, among others. To do so, it is used data analysis gathered from some research: quantitative and qualitative, all carried out in the second half of 2016 with university students from the communication and arts areas of an institution in Curitiba, Paraná, through an elective discipline focused on the discussion of literature, cyberculture and other related subjects. The results show that the young university student still reads printed books and although he often does so only out of necessity, he finds pleasure in this activity, which also has a lot to do with building his identity in real life and on the internet.

**Keywords:** Reading. Literature. Cyberculture. Printed book. E-Book.

**“DEDICATED TO THE ONE I LOVE”**. Assim como na música do *The Mamas & the Papas*, este trabalho é dedicado a todos aqueles que eu amo. Em especial, ao meu companheiro e grande incentivador, meu amor, minha vida, o Felipe. À minha filha Betânia que, como uma poesia, apareceu no meio do caminho para me dar ainda mais energia para seguir em frente com alegria e amor, e que ainda me fez companhia nas muitas tardes escrevendo a dissertação e fazendo leituras. Ao meu pai, que mesmo de longe sempre me deu muito apoio e palavras de estímulo, o maior mestre que já tive na vida. Agradeço também às minhas irmãs, Thaís, Teresa e Bruna, à minha madrastra, Marlene, a todos os meus familiares, sempre torcendo e contribuindo de alguma forma, e aos meus filhos pets, Lola, Gringo e Pipe – que muitas vezes dormiram ao meu lado em cima dos livros. À gentil e delicada colega Mônica Panis Kaseker, que um dia na sala dos professores comentou comigo sobre a abertura desse programa de mestrado. À minha querida amiga e sócia, Violeta, ao meu amigo Oscar, aos meus coordenadores, Fabiano e Fábio, aos colegas que conheci durante as aulas, o Edah, que se foi precocemente, à Mari, que se tornou uma irmã do coração, ao meu atencioso, gentil e inteligentíssimo orientador, Marcelo, aos meus professores, Nívea, Paula, Naira, Rogério e Márcio, todos maravilhosos, à banca de qualificação, que muito acrescentou ao conteúdo dessa dissertação, Profa. Maurini Souza e Prof. Celso Klammer, aos meus amigos do coração, impossível citar todos, aos meus alunos por tudo que me ensinam, especialmente aqueles que toparam participar desse projeto, e à energia do universo. **Obrigada, obrigada, obrigada.**

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Fluxograma do livro.....	30
<b>Figuras 02 e 03:</b> Perfis @amante.livros_ e @carpediemliterario.....	93
<b>Figuras 04 e 05:</b> Perfis @meuvicioemlivros.blog e @livraticos.....	94
<b>Figuras 06 e 07:</b> Perfis @devorando_livros_ e @mago_literario.....	95



## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01:</b> Ranking dos melhores romances de todos os tempos.....	16
<b>Tabela 02:</b> Produção e vendas mercado editorial brasileiro de 2007-2014.....	44
<b>Tabela 03:</b> Livros e autores mais citados em pesquisa.....	46
<b>Tabela 04:</b> Personagens da pesquisa.....	55
<b>Tabela 05:</b> Mapa dos Diários.....	67
<b>Tabela 06:</b> Relato da experiência do último livro lido.....	70

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. A LEITURA E O LEITOR.....</b>	<b>15</b>
<b>3. A LEITURA E O LEITOR NA CIBERCULTURA.....</b>	<b>23</b>
3.1 A HISTÓRIA DO LIVRO.....	25
3.2 O LIVRO IMPRESSO.....	28
3.3 A REVOLUÇÃO DO LIVRO.....	29
3.4 O LIVRO COMO MÍDIA.....	32
<b>4. OS BOOKTUBERS.....</b>	<b>38</b>
4.1 A PROFISSÃO BOOKTUBER.....	39
4.2 OS BOOKTUBERS E A CRÍTICA LITERÁRIA.....	42
4.3 A LITERATURA EM EVIDÊNCIA.....	44
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>49</b>
5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	49
5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	50
<b>5.2.1 Problema de Pesquisa.....</b>	<b>50</b>
<b>5.2.2 Objetivo Geral da Pesquisa.....</b>	<b>51</b>
<b>5.2.3 Objetivos Específicos.....</b>	<b>51</b>
<b>5.2.4 Instrumentos da Pesquisa.....</b>	<b>52</b>
<b>5.2.5 Seleção do Grupo.....</b>	<b>53</b>
<b>5.2.6 Desenvolvimento da Pesquisa.....</b>	<b>54</b>
<b>5.2.7 O Grupo.....</b>	<b>54</b>
<b>5.2.8 Diários de Leitura.....</b>	<b>58</b>
5.3 DIÁRIOS DE LEITURAS.....	58
<b>5.3.1 Quindim.....</b>	<b>58</b>
<b>5.3.2 Nelsinho.....</b>	<b>59</b>
<b>5.3.3 Capitu.....</b>	<b>59</b>
<b>5.3.4 Alice.....</b>	<b>60</b>
<b>5.3.5 Dulcinea.....</b>	<b>60</b>
<b>5.3.6 Emma.....</b>	<b>61</b>
<b>5.3.7 Emília.....</b>	<b>61</b>
<b>5.3.8 Pollyanna.....</b>	<b>62</b>
<b>5.3.9 Escobar.....</b>	<b>62</b>
<b>5.3.10 Santiago.....</b>	<b>63</b>
<b>5.3.11 Macabéa.....</b>	<b>63</b>
<b>5.3.12 Lola.....</b>	<b>64</b>
<b>5.3.13 Annabel Lee.....</b>	<b>64</b>
<b>5.3.14 Charles.....</b>	<b>64</b>
<b>5.3.15 Molly Bloom.....</b>	<b>65</b>
<b>5.3.16 Clarissa.....</b>	<b>65</b>
<b>5.3.17 Tom.....</b>	<b>66</b>
<b>5.3.18 Daisy.....</b>	<b>66</b>

5.4 MAPA DOS DIÁRIOS.....	67
5.5 QUESTIONÁRIOS.....	68
5.6 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	69
<b>5.6.1 <i>Persona</i>: como é o leitor da cibercultura?.....</b>	<b>73</b>
<b>6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>83</b>
APÊNDICE A.....	83
<b>ANEXOS.....</b>	<b>83</b>
ANEXO A.....	99
ANEXO B.....	103
ANEXO C.....	107

## 1. INTRODUÇÃO

Quando criança, com muita frequência eu saía da escola e ia de bicicleta para a biblioteca do Belisário Pena, um colégio estadual que ficava na rua debaixo à da minha casa. Lá trabalhava uma tia, irmã de minha madrasta, que era a bibliotecária. Talvez essa tenha sido minha primeira grande manifestação de afeto pelo mundo dos livros. E com que deleite eu entrava no local, e ela logo vinha me mostrar as novidades...! E eu adorava não só as histórias, mas os volumes em si – as capas, as ilustrações, os nomes, a gramatura e o brilho do papel... “A Bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga, “Marcelo, Marmelo, Martelo”, de Ruth Rocha, “O Menino Maluquinho”, de Ziraldo, “O Menino do Dedo Verde”, de Maurice Druon, Pollyanna e Pollyanna Moça, de Eleanor H. Porter, a Coleção Vagalume e tantas outras obras. Essa mesma tia, a Ídia, também tinha uma lojinha de variedades chamada “Mosaico”, onde vendia artigos para presentes, entre eles, livros, e lá ia eu vez ou outra mexer em tudo, incluindo, nos folhosos.

Além da escola – no colégio público onde estudei, o *Mater Dolorum*, íamos à biblioteca às quartas-feiras com a professora e todos tinham que escolher um livro para ler na semana –, do meu pai e da minha madrasta, que sempre tiveram o hábito de ler, posso dizer que essa tia foi uma grande influenciadora do meu apreço pelo universo livreiro. Depois desse amor pela leitura, veio a paixão pela escrita e a vontade de lecionar e atuar com o texto, convivendo diretamente com a literatura e a formação de leitores. Acredito muito que a paixão pela leitura possa surgir nas mais diversas faixas etárias, em qualquer hora e lugar, tendo as mais variadas influências, que vão além das classes sociais, hábitos culturais, entre outras. Quem sabe a sementinha do tema dessa dissertação e também da minha escolha de área para o mestrado tenha surgido nessa época, lá na Rua Dona Linda Santos, em Capinzal, uma pequena cidade no interior de Santa Catarina.

Inicialmente, a ideia para essa dissertação era analisar a cena literária curitibana, os escritores locais e o movimento de novos autores paranaenses, principalmente os jovens, originários do advento da internet – bem como a possível migração destes para a publicação impressa. Mas na primeira disciplina

de que cursei no programa, “Cultura das Mídias”, ministrada por meu orientador, Marcelo, a vontade de pesquisar hábitos de leitura foi novamente despertada. De início, pensamos em trabalhar com faixas etárias e seus interesses pela leitura, comparando-as e verificando obras de mais aceitação ou rejeição; indivíduos de 20, 40 e 60 anos. No entanto, essa possibilidade mostrou-se um pouco distante ao considerarmos o tempo para a geração, análise dos dados e produção dessa dissertação. Assim, a opção foi trabalhar um grupo de leitores jovens e universitários, estabelecendo com eles uma ligação de tempo mais aprofundada e diversificada. Como sou professora universitária, pude ofertar uma disciplina eletiva – chamada de *Comunicação, Literatura e Cibercultura* – na escola onde atuo e, então, produzir essas informações. Nesses meus anos na docência, quase nove, pude conviver com esses hábitos e conversar sobre eles com os alunos com bastante frequência, mas nunca havia, de fato, realizado uma pesquisa com metodologia e prazo específicos.

Por mais óbvio que pareça dizer isso, ler e escrever são necessidades sociais e diárias em nossas vidas; com a internet, ainda mais. Lemos e-mails, blogs, portais de comunicação e até mesmo revistas e livros eletrônicos, por necessidade, hábito, prazer, busca de informações. A motivação é variada, e um dos pontos dessa dissertação é justamente descobrir quais delas são mais comuns. Por ser professora de redação e escrita criativa, presumi que talvez a necessidade de comunicação escrita despertada pelos gêneros da internet pudesse ter também despertado mais interesse pela leitura. Tudo isso, busquei elucidar entre a turma de estudantes com a qual convivi para a realização desta pesquisa.

O hábito da leitura, a leitura por prazer ou a leitura “literária” foram e continuarão sendo objetos de muitas questões e estudos que visam compreender melhor suas práticas e necessidades, bem como seu aumento ou diminuição em um mundo cada vez mais automatizado e digital como o de hoje. Ainda que as mídias estejam exigindo de todos uma espécie de “alfabetização eletrônica” e um aprimoramento constante de habilidades cognitivas, estariam as pessoas lendo mais ou aprendendo mais a ler? Ou lendo melhor? Ou, talvez, estariam lendo menos? Por qual razão? E de que forma?

Além disso, atualmente o livro físico vem disputando espaço nas livrarias, nas lojas virtuais, nas instituições de ensino, nas bibliotecas e em diversos outros espaços e lugares da leitura, com o livro digital, eletrônico ou *e-books*, como são chamados. Tudo isso, sem mencionar os blogs, portais de notícias e entretenimento, os *apps*<sup>1</sup> e dispositivos móveis que fazem da leitura uma prática constante. E também com outras práticas leitoras e possibilidades que a internet trouxe aos usuários nos últimos anos – que da mesma forma passam a integrar as necessidades e demandas pessoais e profissionais da população. Por isso, a identificação de novas formas de leitura se faz pertinente à compreensão das principais mudanças no que tange à literatura e ao leitor contemporâneos.

Nesta dissertação de mestrado, o principal objetivo foi justamente aprofundar algumas questões relativas ao contexto do leitor e da leitura na cibercultura, era na qual a internet e o ciberespaço, bem como tudo o que vem junto a ele, passa a criar e reverberar novos valores e atitudes (LEVY, 1999). Assim, foi definido como problema de pesquisa a seguinte questão: ***como são as práticas de leitura entre jovens universitários na cibercultura?***

Os estudantes universitários que fizeram parte da pesquisa estavam no sexto e oitavo período de seus cursos, ou seja, são jovens que estão prestes a integrar o mercado de trabalho, onde exercerão seus papéis como profissionais. E para que o objetivo geral da pesquisa pudesse ser alcançado, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer o perfil socioeconômico desses estudantes e a relação dessa informação com suas práticas de leitura na cibercultura;
- Examinar a fundo suas práticas de leituras, em relação a horários, dias, locais e utilização ou não de plataformas físicas ou móveis;
- Verificar hábitos de leitura além do livro ou *e-book*, incluindo outros ambientes digitais ou impressos, como blogs, portais e revistas, por exemplo;
- Compreender a história do livro e sua relação com as possíveis mudanças nos hábitos de leitura desses estudantes;

---

<sup>1</sup> *App* é a abreviatura de *application*, ou seja, aplicação. Aplicação essa que é instalada num *smartphone*. Fonte: [www.marketingtecnologico.com](http://www.marketingtecnologico.com). Disponível em <http://www.marketingtecnologico.com/Artigo/o-que-sao-apps>. Acesso: 15 de dezembro, 2017.

- Verificar a exposição do *homo lector* em outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*; e
- Reconhecer outras formas de consumo de cultura desses jovens universitários, ligados ou não ao contexto acadêmico.

Por meio desse estudo, portanto, buscou-se analisar as práticas de leitura de jovens universitários na cibercultura por meio da aplicação de instrumentos de geração de dados, principalmente um questionário e a interação com esses sujeitos por um período de aproximadamente quatro meses a partir da produção de Diários de Leitura que foram preenchidos pelos estudantes com o intuito de acompanhar seus hábitos.

A relevância do trabalho se justifica, ainda, por três outras razões: (1) as práticas de leitura na cibercultura ainda são pouco conhecidas; (2) há atualmente uma carência de discussões sobre o leitor da literatura impressa e dos meios digitais; (3) por fim, são escassas as pesquisas realizadas de forma empírica a respeito de práticas de leitura, sobretudo entre jovens universitários. Compagnon (2010, p.137) afirma que os estudos literários tratam do leitor por meio de posições antitéticas: “de um lado, [...] ignoram tudo do leitor, e do outro, a que valorizam, ou até colocam em primeiro plano na literatura, identificam literatura à sua leitura”.

A pesquisa foi efetuada no segundo semestre de 2016, e os dados foram gerados por meio de uma série de atividades desenvolvidas com o grupo de estudantes a cada encontro. Assim, foram coletadas respostas de uma pesquisa qualitativa e quantitativa ao mesmo tempo, por meio de um questionário, de um diário e da própria convivência com os alunos durante as aulas da disciplina eletiva. O questionário obteve informações sobre o perfil socioeconômico dos alunos, suas preferências em relação às obras, além de horários, locais e razões mais comuns para a leitura, entre outras. Também foram criados um grupo no *Facebook*, para a intermediação entre os participantes (que não teve muito êxito devido à utilização já convencional do ambiente virtual de aprendizagem da instituição onde a pesquisa foi aplicada) e uma *fanpage*<sup>2</sup>, que foi administrada

---

<sup>2</sup> *Fanpage* é uma página na rede social Facebook, criada para marcas, empresas e blogs. Trata-se de um perfil comercial. Fonte: [www.marketingdeconteudo.com](http://www.marketingdeconteudo.com). Disponível em <https://marketingdeconteudo.com/fanpage/>. Acesso: 15 dezembro, 2017.

em conjunto por todos os alunos, na qual revelaram, por meio de postagens (de texto e imagem ou vídeos e outros), algumas informações sobre suas próprias práticas de leituras e sobre a visão que possuem da literatura e do momento literário atual. Conforme já citado, os alunos preencheram um *Diário de Leituras* com todos os seus registros, que foi utilizado como principal instrumento de geração de dados. A aplicação dos instrumentos da pesquisa se deu entre os meses de agosto, setembro, outubro e novembro de 2016, durante encontros semanais às quartas e sextas, das 7h50 às 9h20, e também nos ambientes virtuais determinados para a aplicação de atividades, bem como em outros espaços de mediação mencionados.

Ainda na composição desta dissertação, foi definido para a fundamentação teórica um estudo sobre o leitor e da leitura, com base em autores como Chartier (1999), Compagnon (2010), Freire (2011) e Martín-Barbero (2015). Assim, o segundo capítulo trata especialmente do leitor e da leitura enquanto conceitos, bem como da abordagem de algumas teorias ao longo do tempo a respeito destes na interação com a literatura e com o próprio ato de ler,

Na sequência, no terceiro capítulo desta dissertação, foram tratados os mesmos temas – leitor e leitura – no contexto da cibercultura, principalmente a partir de obras de Levy (1999), Santaella (2007), Poe (2011) e Darnton (2009), além da história e análise dos livros impresso e eletrônico como mídias, estendendo essa relação para a questão das práticas de leitura atuais.

No quarto capítulo, são abordados os *booktubers*<sup>3</sup> ou “*youtubers* dos livros” como os fenômenos contemporâneos de interação com leitores, geralmente mais jovens, os quais vêm ganhando influência na indicação de obras e na relação com editoras de livros físicos e digitais; os autores utilizados como base para este assunto foram Santaella (2007), Souza (2006), Levy (1999), entre alguns outros.

Ao término do trabalho, no Apêndice A, há um breve estudo que trata da estetização e espetacularização da leitura, sob o olhar de Lipovetsky (2015) e

---

<sup>3</sup> Termo usado para designar pessoas - ou *youtubers* - que fazem críticas e comentários sobre lançamentos editoriais em canais do *YouTube* (MANS, 2015).



Debord (2003), realizado por meio da análise de 98 perfis *sobre leitura* na rede social Instagram<sup>4</sup>.

Os resultados dessa pesquisa mostram que o jovem leitor ainda prefere o livro impresso para obras mais extensas, e que muitas vezes lê por prazer. Sobre o cânone literário, os diários e o questionário também mostraram que essa geração quer criar suas próprias referências de leitura, que muito têm a ver com a tribo a que pertencem e com suas preferências em termos de música, cinema e arte em geral. As causas nas quais acreditam e defendem também têm papel importante na escolha das obras, o que provavelmente tem relação com a construção de suas identidades, tão descontínua em uma era de intercâmbio e transferências de informações diante da enorme possibilidade oferecida pela globalização e pela própria *web*. E, apesar de esta se tratar de uma geração “descanonizada”, o personagem mais marcante entre a maioria dos estudantes foi Bentinho, de Dom Casmurro.

Os blogs e portais são constantemente lidos para passar o tempo, em trajetos, na faculdade e antes de dormir, como distração e forma de manterem-se informados. Da mesma forma, redes sociais como o Facebook e o Instagram exercem uma forte influência no caminho de leitura percorrido por este estudante na *web*, juntamente com a construção de sua própria identidade, tanto no mundo da vida quanto naquele que exerce e demonstra em ambientes digitais.

A partir desta pesquisa, foi gerada, ainda, uma *persona*, o **Ciberleitor**, para futuras aplicações em sala de aula e outros projetos voltados à estimulação e conhecimento de práticas de leitura. Trata-se de uma tentativa de contribuição com o desenvolvimento e aprimoramento de hábitos de leitura em um universo no qual os jovens são bombardeados a todo instante com inúmeras possibilidades de lazer, entre elas, o livro ou a leitura.

Ficam também aqui registradas sugestões para futuras pesquisas a respeito do interesse do **Ciberleitor** pelo *e-book* e outros dispositivos móveis, como *tablets*, *smartphones* e outros que podem ser voltados à leitura – ou a tipos específicos de leitura, bem como hábitos leitores da geração pós e pré-internet.

---

<sup>4</sup> O *Instagram* é um aplicativo gratuito e também uma rede social especialmente voltada a postagens de fotos que podem ser compartilhadas com os seguidores de um perfil.



## 2. A LEITURA E O LEITOR

Leitores são as pessoas que leem. Ou que, de fato, gostam de ler? Ou quem leem para passar o tempo? Ou quem leem por causa dos estudos, para aprender algo novo? Ou quem leem para se informar? Ou leitores são apenas aqueles que leem por prazer, em momentos de lazer...? E quem lê *e-books* e *blogs*, é mais ou menos leitor do que aqueles que leem livros, mais especificamente, obras consideradas “literatura”?

Para Freire (2011, p.70), “quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo”. Sob esse aspecto, o leitor é aquele que modifica seu pensamento ao ler alguma coisa, sem restrição de gênero textual ou contextual. Também para o autor, o ato de ler e escrever demonstram nosso domínio da língua e da linguagem; então a leitura estaria disponível a qualquer pessoa alfabetizada. Iser (1979, p.95) apud Ingarden (1969, p.21-27), ao contrário, afirma não ser a linguagem capaz de transpor as propriedades metafísicas do texto. Elas devem, sim, ser percebidas pelo leitor a partir de suas próprias representações, construindo o sentido da obra. Compagnon (2010, p.155) relata que, para as teorias que têm o ponto de vista do leitor como mais importante, como em Iser, o próprio texto torna-se “uma língua”.

Ler, leitura, essas palavras armam ciladas. Existe algo mais universal? Há leitores em Roma, na Mesopotâmia, no século XX. É uma invariante, sempre se leu e nunca se leu o suficiente, isso depende do ponto de vista [...] há esta multiplicidade de modelos, de práticas, de competências, portanto, há uma tensão. Mas ela não cria dispersão ao infinito, na medida que as experiências individuais são sempre inscritas no interior de modelos e de normas compartilhadas. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular (CHARTIER, 1999, p.91).

Segundo Chartier (1999, p.78), “nos seus regulamentos, está previsto que o lugar da leitura deve ser separado dos lugares de um divertimento mais mundano”, e talvez resida aí também a austeridade atribuída à leitura pelos jovens – juntamente com a imposição escolar, a definição de obras e a própria relação estabelecida desde cedo com os livros por professores e pelas instituições de ensino. Para Iser, o leitor está aberto a fazer “o jogo do texto”; sua

teoria confere e cria uma espécie de reconciliação entre texto e leitor, esquecendo totalmente o autor e outros *obstáculos* da teoria literária (COMPAGNON, 2010, p. 152).

De acordo com Abreu (2004, p.19), os livros que lemos ou não lemos expressam opiniões sobre nós e estabelecem um status à nossa imagem social, nossa identidade. Aqueles que almejam obter o reconhecimento de uma imagem de erudição, certamente irão dizer que já leram obras de Machado de Assis ou James Joyce, ainda que tenham lido “Dom Casmurro”, sem qualquer deleite, e tenham gostado muito mais de “O Alquimista”, de Paulo Coelho. Essas questões, sobretudo, ganham forças na sociedade atual, que têm relações permeadas pela mídia e pelas redes sociais (vide apêndice dessa dissertação sobre *A Estetização e a Espetacularização da Leitura* nesta dissertação). Hall (2015, p.42) afirma que “a interdependência global” fragmenta os códigos culturais, gerando a partir daí um “colapso de *todas* as identidades culturais”.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia, pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as *identidades* se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2015, p.43).

As mídias, sobretudo, ajudam a construir o cânone literário e também a necessidade do indivíduo de pertencer a este ou àquele grupo, não à toa, vez ou outra aparecem listas “dos livros mais lidos”, dos “melhores romances brasileiros”, das “100 melhores obras literárias do século”, e assim por diante.

Ao término do século XX, a *Folha de São Paulo* promoveu uma eleição para definir os melhores romances mundiais do século XX e os melhores romances brasileiros de todos os tempos. Os resultados estão expostos na tabela abaixo.

Tabela 01 – Ranking dos melhores romances de todos os tempos

<b>MUNDO</b> (século XX)	<b>BRASIL</b> (geral)
1º <i>Ulisses</i> , James Joyce	1º <i>Grande sertão: veredas</i> , Guimarães Rosa
2º <i>Em busca do tempo perdido</i> ,	2º <i>Dom Casmurro</i> , Machado de Assis

Marcel Proust	
3º <i>O processo</i> , Franz Kafka	3º <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i> , Machado de Assis
4º <i>Doutor Fausto</i> , Thomas Mann	4º <i>Macunaíma</i> , Mário de Andrade
5º <i>Grande sertão: veredas</i> , Guimarães Rosa	5º <i>Triste fim de Policarpo Quaresma</i> , Lima Barreto
6º <i>O castelo</i> , Franz Kafka	6º <i>Quincas Borba</i> , Machado de Assis
7º <i>A Montanha Mágica</i> , Thomas Mann	7º <i>Memórias de um sargento de milícias</i> , Manuel Antônio de Almeida
8º <i>O som e a fúria</i> , William Faulkner	8º <i>Vidas secas</i> , Graciliano Ramos
9º <i>O homem sem qualidades</i> , Robert Musil	9º <i>São Bernardo</i> , Graciliano Ramos
10º <i>Finnegans Wake</i> , James Joyce	10º <i>Memórias sentimentais de João Miramar</i> , Oswald de Andrade

Folha de São Paulo, São Paulo, 3 jan, 1999.

O foco no *literário* ou *não literário* sempre foi mais interessante para a pesquisa e análise do que o próprio leitor em si. Pinto (2004) afirma que o cânone é um “repertório coletivo”, e que tem como função eleger os livros de leitura obrigatória, atuando como uma espécie de “biblioteca imaginária”.

Os cânones são variados e, em meio à biblioteca imaginária coletiva, fazemos nossas escolhas pessoais, ditadas por trajetórias específicas de leituras. [...] A proposta de Harold Bloom, formulada em *O cânone ocidental*, [...] aponta nessa direção e procura determinar uma referência ocidental de leituras “fundadoras” (PINTO, 2004, p. 38 e 39).

Complementando essa reflexão, Martín-Barbero (2015, p.179) pondera que, nesse sentido, há um deslocamento do livro para a imprensa, o que “remete a um modo de leitura que rompe o isolamento e a distância do escritor e o situa no espaço de uma interpretação permanente por parte dos leitores”, isto é, o literário vem sendo destruído pela organização industrial e da cultura de massa, que vem transformando a literatura em um *produto*. “Estamos na presença da destruição do literário em mãos da organização industrial e do comércio imundo; a verdadeira literatura será sempre outra coisa” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p.179). Para o autor (2015, p.185-7), existem quatro níveis que configuram marcas dessa massificação da cultura e “organização material do texto” e que têm impacto na leitura: no primeiro nível estão os *dispositivos de composição tipográfica*, que organizam a leitura para os olhos, facilitando a atividade

daqueles leitores menos experientes, com tipos de letras apropriadas e espaços em branco para o descanso; no segundo nível, o *sistema dos dispositivos de fragmentação da leitura*, por exemplo, a quebra das narrativas em episódios, com divisões estabelecidas por títulos, partes, capítulos e subcapítulos, vista também atualmente nos seriados, trilogias e outros estilos, inclusive, cinematográficos; no terceiro nível, estão o que ele chama de *os dispositivos de sedução*, que são também a organização narrativa por episódios e a estrutura “aberta” da história.

Foi o *sentimento de duração* – como na vida! – o que permitiu ao leitor popular passar do conto para o formato-romance, isto é, *ter tempo* para identificar-se com o novo tipo de personagens e atravessar a quantidade e a variedade de peripécias e avatares da ação *sem se perder* (MARTÍN-BARBERO, 2015, p.187).

Essa “sensação de participação” (Idem, 2015, p.187) faz crescer o número de leitores e, portanto, crescer o “negócio”, o lucro. No quarto nível, por fim, situam-se os *dispositivos de reconhecimento*, aqueles que permitem – junto aos anteriores – que o leitor tenha acesso à leitura, identifique-se com ela por meio dos personagens, assim, “o leitor é posto a todo momento diante de uma realidade dada que ele pode aceitar ou modificar superficialmente, mas que não pode recusar” (MARTÍN-BARBERO, 2015, p.189).

No entanto, no que diz respeito ao leitor propriamente dito, é apenas no fim dos anos 1960, com os primeiros estudos sobre a recepção, que estes começam a integrar a tríade *obra-autor-leitor* e, assim, merecerem aprofundamentos e pesquisas teóricas.

Como em Ingarden, o texto literário é caracterizado por sua incompletude e a literatura realiza-se na leitura. A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objeto literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor (COMPAGNON, 2010, p.147).

Compagnon (2010, p.137) afirma que “os estudos literários dedicam um lugar muito variável ao leitor (...) – de um lado, as abordagens que ignoram tudo do leitor, e do outro, as que o valorizam”, muitas vezes colocando-o em total

evidência. Segundo o autor, o *historicismo* e o *formalismo* buscavam banir o leitor, e os *new critics* americano o fazem de fato, ao considerar a obra uma “unidade orgânica autossuficiente (...), de estatuto ontológico tão distanciado de sua produção e recepção quanto em Mallarmé”. Um de seus fundadores, o filósofo I.A. Richards, afirmou que, de modo geral, “a leitura fracassa diante do texto”. Para a teoria literária, nascida do *estruturalismo*, o leitor sempre se tratou de um intruso. Para Compagnon (2010), o leitor é um obstáculo que perturba todas as abordagens dessas teorias.

O leitor é, então, uma função do texto, como o que Riffaterre denominava o *arquileitor*, leitor onisciente ao qual nenhum leitor real poderia identificar-se, em virtude de suas faculdades interpretativas limitadas. Em geral, pode-se dizer que, para a teoria literária – da mesma forma que os textos individuais são julgados secundários em relação ao sistema universal ao qual eles acedem, ou da mesma forma que a *mimêsis* é considerada um subproduto da *sêmiosis* – a leitura real é negligenciada em proveito de uma teoria da leitura, isto é, da definição de um leitor competente ou ideal, o leitor que pede o texto e que se curva à expectativa do texto (COMPAGNON, 2010, p.140).

Por outro lado, o escritor francês Marcel Proust, em suas “Jornadas de Leitura”, em 1907, sustentava a importância do leitor, assim como o sustentam os aportes teóricos da *fenomenologia*, da *estética da recepção*, chamada de escola de Constance (Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss), e da linha americana *Reader-Response Theory* (teoria do efeito da leitura, de Stanley Fish), além de Umberto Eco.

Só por um hábito cultivado na linguagem falsa dos prefácios e das dedicatórias o escritor diz: “meu leitor”. Na realidade, cada leitor é, quando lê, o próprio leitor de si mesmo. A obra do escritor é somente uma espécie de instrumento de ótica que ele oferece ao leitor a fim de permitir-lhe discernir aquilo que sem o livro talvez não tivesse visto em si mesmo (COMPAGNON, 2010, p.142 apud PROUST, *Le temps retrouvé*, p. 489).

Mas foi a partir dos estudos de recepção, especialmente, “a análise mais restrita da leitura como reação individual ou coletiva ao texto literário” (COMPAGNON, 2010, p.145), que os estudos sobre leitura ganharam espaço. Esses estudos, portanto, interessaram-se pela forma como uma obra *afeta* o

leitor, “um leitor ao mesmo tempo passivo e ativo, pois a paixão do livro é também a ação de lê-lo” (COMPAGNON, 2010, p.145). Para Iser (1979, p.83), “a leitura une o processamento do texto ao efeito sobre o leitor”.

A análise da recepção visa ao efeito produzido no leitor, individual ou coletivo, e sua resposta – *Wirkung*, em alemão, *response* em inglês – ao texto considerado como estímulo. Os trabalhos desse gênero se repartem em duas grandes categorias: por um lado, os que dizem respeito à fenomenologia do ato individual da leitura (originalmente em Roman Ingarden, depois em Wolfgang Iser), por outro lado, aqueles que se interessam pela hermenêutica da resposta pública ao texto (em Gadamer e particularmente em Hans Robert Jauss). (COMPAGNON, 2010, p.145).

Nesta dissertação, o objetivo não é compreender o efeito da leitura nos indivíduos da pesquisa, e, sim, conhecer melhor seus hábitos de leitura em uma era na qual a mídia, a internet e sobretudo as redes sociais imperam na construção de cânones, nas escolhas e hábitos de lazer e, ainda, na escolha *do que ler* no momento em que se dá a leitura, bem como seus principais motivadores. Por isso, essas teorias não serão aprofundadas neste capítulo.

Compagnon (2010, p.146) afirma que “quando lemos, nossa expectativa é em função do que nós já lemos – não somente no texto que lemos, mas em outros textos”. Isto é, as escolhas para a leitura tendem a ser influenciadas por outras leituras, literárias ou não, e também por outras vivências, experiências do mundo da vida. Pinto (2004, p.36) conclui ao dizer que o leitor, a partir dos livros lidos, “reorienta o entendimento do que deveria ser absoluto: reescreve, recorre à citação – ou hipertexto – apoiada na memória individual”.

[...] e os acontecimentos imprevistos que encontramos no decorrer de nossa leitura obrigam-nos a reformular nossas expectativas e a reinterpretar o que já lemos, tudo que já lemos até aqui neste texto e em outros. A leitura procede, pois, em duas direções ao mesmo tempo, para frente e para trás, sendo que um critério de coerência existe no princípio da pesquisa do sentido e das revisões contínuas pelas quais a leitura garante uma significação totalizante à nossa experiência (COMPAGNON, 2010, p.146).

Isto significa afirmar que o leitor procura determinadas sensações e vivências também em suas leituras, encontrando emoções diversas por meio das



experiências com as obras e a partir delas. Freire (2011, p.29) assegura que “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”, isto é, a leitura torna o indivíduo mais capaz de ler e compreender os acontecimentos em seu entorno e “transformá-lo através de nossa prática consciente”. Para o autor, o que comanda a experiência da leitura – e também da escrita – é a aproximação a temas significativos à experiência dos indivíduos e não dos educadores, assim, o apreço por *esta* ou *aquela* leitura é um processo que viria a ocorrer a partir da aproximação com os próprios estudantes, sem restrição de estilo ou meio, desde que alfabetizados e em contato com tais obras. Sobre a relação texto-leitor, Iser (1979, p.87) afirma que “falta-lhe a situação face a face, em que se originam todas as formas de interação social”. Em complemento, afirma Chartier (1999, p.104) que “é preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura em sua plenitude”, ou seja, “textos densos” e muito distantes do jeito de sentir e pensar desses indivíduos. Abreu (2004, p.49) conclui que “são os conhecimentos prévios que temos sobre seu autor, seu lugar na tradição literária, seu prestígio, entre outros, que dirigem nossa leitura”.

O autodidatismo à la Rousseau supõe uma familiaridade com o mundo do livro e da cultura escrita. Rousseau lembra como eram importantes, no meio genebrino, a relação com os livros da locadora de livros, a educação familiar... (CHARTIER, 1999, p.104).

Chartier (1999) relembra, ainda, o clássico artigo de Walter Benjamin e sua proposição de que o cinema e a fotografia, de certa forma, “ligam-se ao homem comum e permitem uma abertura mais ampla para o mundo social”. Segundo o autor, quando a leitura é, então, representada por estas duas formas de manifestações artísticas *ela* vê a possibilidade de expansão e desenvolvimento, ainda que representadas de maneiras que remetem “às convenções e códigos atribuídos à leitura legítima” (CHARTIER, 1999, p.79).

Na história das práticas de leitura, verifica-se que a liberdade da leitura é *conquistada* a partir do século XVIII, com as imagens que representam, enfim, “o leitor na natureza, o leitor que lê andando, que lê na cama [...]” (CHARTIER, 1999, p.78). Ao contrário dos leitores dos períodos anteriores, que tinham

comportamentos mais restritos aos gabinetes, em espaços privados e sentados, imóveis.

No próximo capítulo desta dissertação, serão abordadas questões a respeito da leitura e suas práticas na cibercultura, permeadas pelos novos estilos, plataformas de leitura e também por novas convenções sociais do leitor relativas principalmente ao uso da internet e das mídias.

### 3. A LEITURA E O LEITOR NA CIBERCULTURA

Há pouco mais de 20 anos, a internet tomou conta<sup>5</sup> da forma como as pessoas se comunicam, escrevem, leem, trabalham, se relacionam e realizam diversas outras atividades todos os dias; e esse impacto vem aumentando ano após ano, em sintonia com o aumento do acesso à rede mundial de computadores – e também do uso de dispositivos móveis, como celulares e *tablets*.

Em 2014, o Cetic, órgão vinculado ao Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), registrou, por meio de uma pesquisa realizada entre outubro de 2014 e março de 2015, em 19 mil domicílios, em mais de 350 municípios de todo o Brasil, que 50% dos lares brasileiros estão conectados à internet, o que equivale a 32,2 milhões de residências. Em 2013, esse mesmo número era de 43%. O crescimento, vale registrar, também se deu devido à inclusão, na pesquisa, de lares conectados à internet por meio do celular, índice que vem igualmente crescendo. Em 2014, um total de 148,2 milhões de pessoas já tinha acesso ao aparelho e, de acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), mais de 281,1 milhões de linhas estavam ativadas, o que significa uma densidade de 138 conexões móveis a cada 100 habitantes.

Todos esses acessos, somados à realidade midiática vivenciada atualmente, torna inevitável afirmar que há impactos no consumo de cultura em todas as gerações onde estão presentes essas tecnologias. Resta saber qual é a abrangência, relevância e detalhes desse impacto, em especial no que diz respeito à leitura, aos leitores e às práticas comuns entre esses, após o advento e crescimento da internet.

---

<sup>5</sup> VIANNA, Hermano. **Internet brasileira, 20 anos.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/internet-brasileira-20-anos-15829266>> Acesso em: 07 de maio. 2016.

A cibercultura vem transformando a escrita e a relação desta com o mundo, principalmente por meio do leitor. Para Lévy (1999, p.17), a cibercultura é a especificação do conjunto de técnicas – materiais e intelectuais – de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço.

[...] o texto escrito saltou do papel impresso para o sistema alfanumérico das telas eletrônicas. E aqui começa uma nova história do texto e de sua absorção na hipermídia e sua consequente transmutação de sólido em líquido, de fixo em escorregadio, instável, volátil (SANTAELLA, 2007, p. 293).

Nesse contexto, é correto afirmar que nem os leitores e nem as experiências com a leitura são as mesmas no tempo atual. Martín-Barbero (2015, p.177), inclusive, relata que a essa massificação, de certa forma verificada atualmente na internet e no próprio conceito da Cibercultura, teve origem na criação do folhetim, que, dada sua roupagem comercial, trazia aquilo que os jornais não podiam publicar. Esse direcionamento dos jornais para o “grande público” foi barateado pela “revolução tecnológica”, com o surgimento das rotativas, e agora vemos incorrer seus reflexos nos meios digitais. Assim, essa “revolução” que hoje vemos com a cibercultura já começou com o aparecimento do meio, por volta de 1836.

Briggs e Burke (2006), no entanto, afirmam que não existe um marco zero dessa história complexa que envolve *mídia*, *tecnologia* e *cultura*, pois, mesmo no mundo antigo ou medieval, a comunicação ainda não era imediata – como ocorre nos dias de hoje por meio da *web*; no entanto, ela já atingia todos os pontos do mundo conhecido.

Com o desenvolvimento da comunicação elétrica, iniciada com o telégrafo, no século XIX, surgiu uma percepção de mudança iminente e imediata. Os debates na mídia na segunda metade do século XX estimularam a reavaliação, tanto da invenção da impressão gráfica quanto de todas as outras tecnologias que foram tratadas no princípio como maravilhas. Geralmente aceita-se que as mudanças na mídia tiveram importantes consequências culturais e sociais. Controversos são a natureza e o escopo dessas consequências (BRIGGS e BURKE, 2006).

O consumo midiático, sobretudo com a presença massiva das redes sociais, em especial entre os jovens, traz consigo fatores positivos e também negativos que poderão ser apresentados por este e por futuros trabalhos relacionados à temática da literatura na cibercultura.

### 3.1 A HISTÓRIA DO LIVRO

Desde a invenção da prensa, por Gutenberg, o texto verbal escrito, assim como o livro com seu formato mais hegemônico, tem sido soberano. Mesmo após a invenção da fotografia, no século XIX, que trouxe a proeminência dos meios visuais e, sobretudo, das imagens, quando se ousou pensar que este estava esquecido, os processos de digitalização fizeram-no migrar para as telas dos computadores, o que resultou em uma significativa mudança em sua composição.

Um texto verbal arma-se em um todo coeso graças aos conectores gramaticais. Um artigo se estrutura em parágrafos de transição, tópicos e subtópicos, assim como um livro se organiza em capítulos. Do mesmo modo, o hipertexto também tem um sistema de conexões que lhe é próprio (SANTAELLA, 2007, p.308).

No cenário do hipertexto, estão os *e-books* e também os livros disponíveis em arquivos digitais, além de outras empreitadas que envolvem a prática da leitura. De acordo com Chartier (2002), hoje todos os textos (livros, revistas e outras formas de leitura) são lidos no mesmo lugar: a tela do monitor. Isso oferece ao leitor a capacidade de criar seus próprios critérios de organização, classificação e hierarquização dos discursos.

É ao mesmo tempo uma revolução da modalidade técnica da produção do escrito, uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. Daí a razão do desassossego dos leitores, que devem transformar seus hábitos e percepções, e a dificuldade para entender uma mutação que lança um profundo desafio a todas as categorias que costumamos manejar para descrever o mundo dos livros e a cultura escrita (CHARTIER, 2002, p.24).

Os leitores e também apreciadores da literatura podem, agora, ter mais controle e acesso a determinadas obras e escolhas relacionadas ao mundo literário. De acordo com Chartier (2002), hoje todos os textos (livros, revistas e outras formas de leitura) são lidos no mesmo lugar: a tela do monitor. Isso oferece ao leitor a capacidade de criar seus próprios critérios de organização, classificação e hierarquização dos discursos.

Keen (2009) relata o projeto do editor Kevin Kelly, buscando a total extinção do livro e a criação de uma *biblioteca líquida* (uma clara referência aos escritos de Bauman a respeito da *Modernidade Líquida*). Sua ideia é digitalizar todos os livros, transformando-os “em um único hipertexto universal de fonte aberta e gratuito – como uma imensa Wikipédia literária”. Segundo Keen, em um manifesto publicado na *The New York Times Magazine*, Kelly deu a isso o nome de “versão líquida” do livro; assim, não há importância alguma se o colaborador dessa ideia seja Dostoiévski ou um dos sete anões.

O livro, bem como a prática da leitura, no entanto, não teve início apenas com a invenção da prensa. A Europa Medieval e a Grécia Antiga são famosas por sua cultura oral. O que hoje se conhece como “literatura medieval”, na verdade, tinha como foco um “público ouvinte” e não um “público leitor” (BRIGSS e BURKE, 2006). Foi somente com a invenção da prensa por Gutenberg, em meados da década de 1450, quando ainda só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, que o livro impresso surgiu.

[...] e de repente, uma nova técnica baseada nos tipos móveis e na prensa, transfigurou a relação com a cultura. O custo do livro diminuiu, através da distribuição das despesas pela totalidade da tiragem, muito modesta aliás, entre mil e mil e quinhentos exemplares. Analogamente, o tempo de reprodução do texto é reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica (CHARTIER, 1999, p.7).

No entanto, ao mesmo tempo em que facilita o acesso a determinadas obras, autores e contextos sociais, a tecnologia pode se apresentar como um desafio a ser compreendido pelos estudos atuais voltados à compreensão do leitor. Segundo a Associação Brasileira de Editoras Universitárias (ABEU), a edição de um livro, ainda nos tempos atuais, mantém-se em baixos números de

tiragem, entre quinhentos e mil exemplares, sendo considerados acima desses apenas os *best sellers*, ainda que o foco da editora seja apenas os livros acadêmicos-científicos<sup>6</sup>. Números relativamente baixos se comparados aos da época do surgimento da prensa. Talvez a questão esteja na impressão, com a possibilidade de muitos leitores estarem trocando o livro impresso pela tela, preferindo ler no computador.

Chartier (1999, p.13) afirma que “a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”. Mas seriam os leitores os mesmos e suas práticas de leitura similares às de alguns anos atrás?

De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De outro lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores (CHARTIER, 1999, p.13).

Ao mesmo tempo, a leitura em tela, por sua vez, permite ao leitor mais liberdade, pois coloca-o com uma distância maior em relação ao escrito. Isso impacta, naturalmente, a forma e a frequência em que se lê, na tela ou no livro. Portanto, a discussão a respeito da proporção de leitores, bem como a análise das práticas de leitura em uma área que as relações são permeadas pelo uso da rede de computadores faz-se interessante e necessária, especialmente, em contextos que envolvem cultura, mídia e comunicação. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tinha 8,3% da população indicada como analfabeta, em 2013, o que corresponde àquelas pessoas capazes de ler e escrever um bilhete simples. Os outros 87% são letrados, mas não necessariamente leem com frequência. Segundo Chartier (1999), as classes mais jovens leem, porém, não necessariamente aquilo que o cânone escolar define como uma “leitura legítima”.

---

<sup>6</sup> CASTRO, Gilberto de. As Editoras Universitárias e a Produção de Livro no Brasil. In: VII MOSTRA DE PESQUISA NA PÓS-GRADUAÇÃO (MOPP). 2015, Curitiba. **Palestra**.

Em contraponto, pode-se mencionar que a leitura antiga, dos homens da Idade Média, não é, de fato, como a dos dias de hoje, do livro como o conhecemos. “Este livro é um rolo, uma longa faixa de papiro ou de pergaminho, que o leitor deve segurar com as duas mãos para desenrolá-lo” (CHARTIER, 1999, p. 24). Para o autor, a transformação não é tão drástica assim, pois o livro manuscrito (em especial os dos séculos XIV e XV) e um livro pós-Gutenberg são baseados na mesma estrutura – as do *códex*, ou seja, “objetos compostos de folhas dobradas em um certo número de vezes, que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos”. Além da paginação, da distribuição do texto no espaço físico da página, têm os índices e diversas outras características semelhantes.

[...] é difícil empregar ainda o termo objeto. Existe propriamente um objeto que é a tela sobre a qual o texto eletrônico é lido, mas esse objeto não é mais manuseado diretamente, imediatamente, pelo leitor. A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas (CHARTIER, 1999, p.12-3).

Ao passo em que modificou a forma como as pessoas leem, a internet pode ter trazido um aumento no acesso, antes reduzido em função dos altos preços pagos, ainda nos dias de hoje, pelas obras impressas; sempre condicionado também ao acesso a dispositivos móveis, que ainda se restringe às classes mais altas.

### 3.2 O LIVRO IMPRESSO

A discussão a respeito da morte do livro físico, que acompanha também as especulações constantes sobre a substituição de uma mídia por outra, parece ganhar novos contornos frente aos indicadores de venda do mercado editorial nacional na atualidade. Em 2016, o varejo de livros impressos no Brasil teve um crescimento de 14,9% em comparação com o mesmo período do ano anterior; no entanto, o número de exemplares vendidos permaneceu praticamente o



mesmo, o que demonstra, na verdade, que o preço médio do livro aumentou – saltando de R\$ 41,60 para R\$ 47,49 (SNEL, 2016). Nesse ínterim, a venda de livros eletrônicos ou digitais parece estagnar (CUNHA, 2016): em 2014 e 2015, esse mercado faturou U\$ 2,3 milhões e U\$ 2,4 milhões, respectivamente, e a projeção para 2020 é que esse número caia para U\$ 1,1 milhão, inclusive no exterior. Isso se coaduna com a constatação de Darnton (2009), para quem

[...] a máquina mais antiga de todas, o códice, continua a dominar o mercado de leitura, e sua fatia está inclusive aumentando. [...] A capacidade de resistência do códice à moda antiga ilustra um princípio geral da história da comunicação: uma mídia não toma o lugar da outra, ao menos em curto prazo (p.14).

Assim, fazem-se necessários estudos que apresentem o cenário atual dos livros impressos e eletrônicos. Para Darnton (2009), a história do livro, com suas inúmeras imbricações em outras áreas de ciência, e também os livros, enquanto objetos, “precisam ser estudados em relação com outras mídias”. Esta monografia se propõe a elaborar uma reflexão sobre o cenário dos livros impressos e eletrônicos no Brasil na atualidade, além de realizar um breve levantamento a respeito da história do livro e das práticas de leitura desde os primeiros impressos; investigar e comparar números e índices do mercado de livros impressos e eletrônicos no Brasil; e compreender o papel do livro como mídia, a partir da análise do conceito de Poe (2011). Para a realização de tal estudo, será utilizada como metodologia a revisão bibliográfica e também a verificação de dados secundários do mercado livreiro, impresso e eletrônico, em âmbito nacional.

### 3.3 A REVOLUÇÃO DO LIVRO

Para Chartier (1999), comparar a revolução eletrônica vivenciada nos dias atuais com a revolução promovida em 1450, com a prensa de Gutenberg, não é a via mais correta, apesar de ser o que comumente vem sendo feito: “A transformação não é tão absoluta como se diz: um livro manuscrito [...] e um livro pós-Gutenberg baseiam-se nas mesmas estruturas fundamentais – as do códex”

(1999, p.7). E essa história envolve também outras questões; na verdade, todo um circuito de comunicação entre vários agentes, como sinaliza Darnton na Figura 1, reproduzida adiante. Para o autor, com pequenos ajustes, esse modelo poderia ser aplicado “a todos os períodos da história do livro impresso (livros manuscritos e ilustrações de livros terão de ser abordados em outra ocasião)” (DARNTON, 2009, p.194).

Como afirma Chartier (1999), até mesmo o termo “objeto” empregado ao livro tornou-se relativamente difícil. O objeto, no caso da leitura eletrônica, seria a “tela”, que, no entanto, não é diretamente manuseada pelo leitor. O leitor do livro em rolo da antiguidade, dos livros medievais e do livro moderno, manuscrito ou impresso, estão diante de uma mesma estrutura material, o que não ocorre com o livro eletrônico. Assim, “a revolução do livro eletrônico é uma revolução na estrutura do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler” (CHARTIER, 1999, p.13).

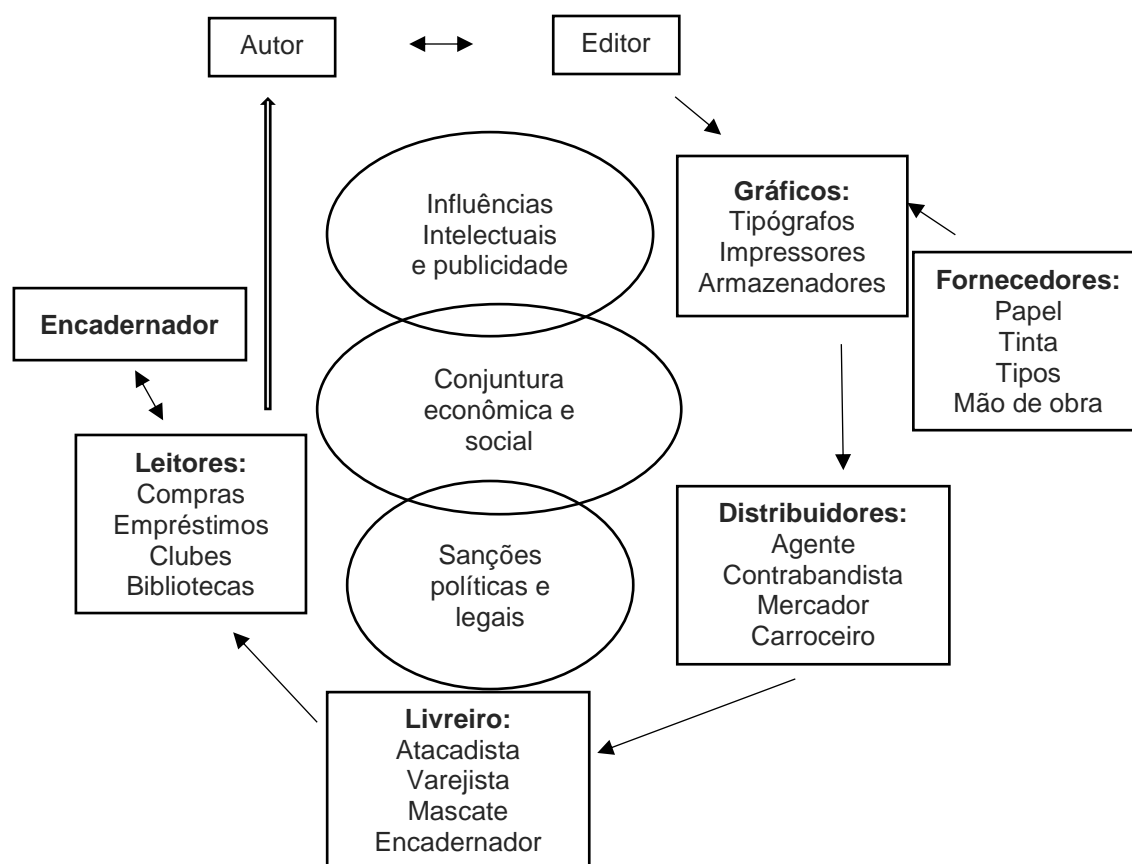
A revolução diz respeito tanto ao modo de produção quanto à reprodução dos textos. Correm o risco de serem pulverizadas as noções do autor, editor e distribuidor; que mal se puderam fixar, numa época bastante recente, que coincide com a industrialização do livro (CHARTIER, 1999, p.16).

O livro, como objeto físico, sofreu transformações assim como ocorreu com os indivíduos na cibercultura.

De acordo com Darnton (2009), a história do livro vem desde a cultura acadêmica renascentista, embora alguns estudiosos façam suas investigações no período anterior à criação dos tipos móveis. E começou de forma séria apenas no século XIX, na Inglaterra. No entanto, nessa época, algumas correntes surgiram, levando os autores a pesquisar o modelo geral da produção e do consumo de livros ao longo dos tempos ou em livros comuns e na experiência literária de leitores comuns. De acordo com Eco (2010), “os livros existem desde antes da imprensa”, mas tinham a forma de rolo e só aos poucos foram se tornando parecidos com o que hoje conhecemos.

FIGURA 1: FLUXOGRAMA DO LIVRO

(Fonte: Darnton, 2009, p.195.)



Na história do livro, também foram abordadas questões como o Iluminismo e a Contrarreforma, o que só serviu para abrir novos caminhos e ideias para pesquisa, a partir da não obtenção de resultados verdadeiramente conclusivos. “Seus exemplos se espalharam pela Europa e Estados Unidos, reforçando tradições locais como estudos de recepção na Alemanha e a história da impressão na Grã-Bretanha” (DARNTON, 2009, p.192), o que fez com que a história do livro se tornasse um campo de estudo rico e variado.

Para Poe (2011), a explosão da impressão deu-se principalmente pela distribuição necessária de notícias sobre os mercados ou condições políticas que pudessem afetar o capitalismo mercantilista, pela burocracia gerada pela estrutura advinda desse sistema e por causa da religião, que precisava da alfabetização para cumprir suas demandas. Segundo o autor, em 1600 eram impressos uma média de três livros para cada cidadão; hoje, estudos apontam

que nascem mais livros do que bebês no Brasil<sup>7</sup>. A alfabetização também crescia, embora fosse um fator mais difícil de medir devido aos diversos níveis de leitura e escrita existentes, no entanto, evidências diretas e indiretas demonstram que a alfabetização floresceu de forma significativa nesse período.

Hoje existem cerca de 1280 editoras cadastradas no Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL); o objetivo da entidade é regulamentar as atividades editoriais e representar a categoria (SNEL, 2015). Segundo o *Bowker's Global Books in Print*, 700 mil novos títulos foram publicados no mundo todo em 1998; em 2003 foram 859 mil; em 2007, 976 mil, ou seja, o volume vem gradualmente aumentando. Se for realizada uma análise apenas com base em dados do mercado livreiro, tanto de vendas quanto de lançamentos, novas categorias e *best sellers*, a conclusão fácil é de que a história do “objeto” está apenas começando, e que naturalmente alguns atributos desse histórico, como a forma de ler, por exemplo, serão transferidos para a leitura em tela.

### 3.4 O LIVRO COMO MÍDIA

Poe (2011) classifica uma mídia a partir de diferentes atributos, e são eles: *acessibilidade, privacidade, fidelidade, volume, velocidade, alcance, persistência e procurabilidade*. Para o autor, essa classificação se faz necessária para que se conheçam melhor os circuitos da comunicação nos quais os indivíduos estão inseridos. Ao analisarmos o livro (versão impressa *versus* eletrônica) como mídia, segundo esses atributos, algumas pistas com relação ao seu futuro e passado também poderão se mostrar mais claras, uma vez que será possível situar os principais elementos e até mesmo rituais nas práticas de leitura, tanto em livros impressos quanto em livros eletrônicos ou digitais.

---

<sup>7</sup> CASTRO, Gilberto de. Presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), em palestra realizada no VII MOPP UTFPR. Novembro, 2015.

**Acessibilidade:** alta ou moderada

O custo de aquisição do livro físico é acessível para alguns, mas não para todos. O livro eletrônico é geralmente mais barato, no entanto, sua aquisição também depende do acesso a dispositivos eletrônicos e a uma conexão à internet com o mínimo de qualidade. O custo de produção do livro impresso é superior ao do livro eletrônico, se forem considerados fatores como papel, tinta, outros; ambos, no entanto, têm um custo de diagramação, revisão, distribuição e divulgação (DARNTON, 2009). Os dois formatos de livro são moderadamente acessíveis tanto no envio quanto na recepção. Hoje, é possível comprar livros em supermercados, de vendedores ambulantes, em eventos, além dos já convencionados pontos de venda, como livrarias, *megastores*, bancas de revistas, *e-commerce*, entre outros.

**Privacidade:** baixa ou alta

Embora um leitor possa dirigir-se a um local mais confortável segundo seus próprios critérios, a leitura de um livro físico não oferece privacidade ao leitor – ainda que só ele leia, todos podem ver a capa e do que se trata, transformando tal visão em uma informação sobre o leitor em questão.

Segundo os critérios do autor, a privacidade de ambos é baixa, pois muitas pessoas em toda a cadeia livreira (ver Figura 01) podem ter acesso ao conteúdo editado antes mesmo de ele ser oficialmente vendido ou consumido. Além disso, o processo de impressão em massa demanda grandes equipamentos, com uma logística apropriada para suportá-los, o que torna difícil escondê-los. O livro eletrônico, por sua vez, envolve menos pessoas em seu processo de produção, o que torna sua privacidade mais alta; e também proporciona ao leitor total privacidade do que se está lendo, independentemente do dispositivo móvel utilizado (*kindle*, *tablet*, celular, outros).

**Fidelidade:** alta

A fidelidade na reprodução de um livro impresso ou eletrônico atualmente é alta por diversos fatores: os autores e as editoras ou empresas livreiras são protegidas por leis de *copyright* e também pelas próprias cópias digitalizadas, que garantem melhor compreensão das ideias do autor. Isso não ocorria no período dos manuscritos, quando muitos autores mexiam nos originais e publicavam em outras editoras, por exemplo, novas versões de seu próprio livro. Por volta de 1770, Voltaire, por exemplo, dificultava muito a vida dos livreiros, ao remendar suas obras, “adicionando e corrigindo trechos enquanto ajudava em edições piratas pelas costas dos editores originais” (DARNTON, 2009, p.197). O autor ainda acrescenta:

Voltaire costumava aplicar esses golpes. Proporcionavam um modo de melhorar a qualidade e ampliar a quantidade de seus livros, e assim serviam ao seu propósito principal – que não era fazer dinheiro, pois ele não vendia sua prosa aos editores, e sim difundir o Iluminismo (DARNTON, 2009, p.202).

**Volume:** alto

Em livros impressos e eletrônicos, é possível produzir um intenso volume de conteúdo, muito superior aos escritos manualmente, que estão à deriva da capacidade humana – enquanto na impressão e na editoração eletrônica há uma máquina (ou várias) para auxiliar, o que torna também mais fácil produzir mais cópias em menos tempo. Obviamente, um livro físico com muito volume pode espantar os leitores e até mesmo ser mais dispendioso ou difícil de carregar. E um livro eletrônico com muito volume tem exatamente o mesmo peso do que os outros, embora a leitura de maior volume também possa levar mais tempo, exigindo mais do leitor e causando resistência à leitura.

**Velocidade:** moderada ou baixa

De acordo com Poe (2011, p.99), “a velocidade de um meio é determinada sobretudo pela velocidade com a qual as mensagens podem ser criadas e transmitidas”. Livros impressos e eletrônicos possuem, assim, velocidade moderada, visto que podem depender da capacidade de produção criativa do autor, o que pode levar mais tempo do que os processos de transmissão, como a editoração, a impressão, a distribuição e a divulgação, sobretudo se forem digitais, na qual a velocidade de transmissão ao leitor é muito rápida. A impressão, entretanto, pode ser um veículo de baixa velocidade, é mais rápido produzir mecanicamente um *e-book* ou livro eletrônico do que adquirir os equipamentos necessários para produzi-lo e imprimi-lo.

**Alcance:** alto

O alcance dos livros impressos é amplo. Nos dias atuais, eles podem atingir diversos locais: de pequenas a grandes cidades, de pequenos a grandes comércios, de pequenas a grandes instituições de ensino e bibliotecas ou clubes de leitura. Esse potencial se fortaleceu ainda mais com a internet, favorecendo também o alcance a livros eletrônicos e impressos. Ao contrário do que ocorria nos idos de 1700, quando a rota para que um livro impresso chegasse a seu local de destino levava mais de um mês, envolvendo muitos desvios e gastos:

Os melhores distribuidores suíços prometiam fazer uma carga chegar até Nice em um mês; cobrando treze *livres* e oito *sous* a cada cem libras de peso; [...]. Os caixotes precisavam ser lacrados assim que entravam na França e inspecionados pela guilda dos livreiros e pelo inspetor real de livros em Lyon, e então reenviados e inspecionados mais uma vez em Montpellier (DARNTON, 2009, p.203).

Além disso, a infraestrutura de transporte nacional torna a entrega de um livro muito fácil e estável, e a informação que contém não será perdida se o material de que são feitos for de qualidade tão boa. A impressão é um meio de alcance significativo: é possível enviá-la a qualquer parte do planeta e, caso haja recursos, para milhões de pessoas. Mídias com essas características geram

extensas redes, ou seja, permitem aos remetentes distribuir mensagens de forma ampla, tanto no sentido geográfico quanto no demográfico.

**Persistência:** alta

Segundo Poe (2011), a persistência de qualquer documento escrito é determinada por três fatores: substrato, roteiro e linguagem. Assim, de um modo geral, a impressão é persistente: como resultado da estabilidade das línguas, dificilmente um documento impresso não pode ser compreendido por alguém. A impressão tem maior persistência do que o meio escrito porque gera mais cópias e, portanto, mais possibilidade de encontrar estes textos. O papel não é um material tão durável quanto a pedra, pois pode se queimar e se dissolver; mas essa desvantagem é compensada porque os artigos impressos quase nunca são únicos e existem em maior quantidade. O mesmo não pode ser aplicado às cópias eletrônicas, que podem se perder à guisa da manutenção incorreta ou ineficaz de equipamentos e do próprio descuido do dono do livro.

Eco (2010) afirma que os livros – enquanto objetos físicos – envelhecem. A partir do momento em que o livro passou a ser fabricado com papel de madeira e não papel de trapo, como ocorria nos primórdios, sua durabilidade também ficou ameaçada. “A partir da metade do século XIX, a vida média de um livro não poderá ultrapassar, afirma-se, os setenta anos” (ECO, 2010, p.22). Ao contrário do que ocorria com os livros produzidos anteriormente, um livro com essa idade já começava a esfarelar-se, só de ser tomado nas mãos.

**Procurabilidade:** baixa ou alta

Com as bibliotecas, definiu-se um sistema de armazenamento dos impressos que permite encontrá-los; no entanto, assim como os manuscritos, livros impressos são de difícil procurabilidade. A busca por um trecho específico, por exemplo, demanda o olhar e o cérebro, cujo processo é lento. Não se pode assim, aplicar um *ctrl F* nos impressos (como se faz hoje em um livro digital), ou seja, o conteúdo e a informação contidos no livro se concentram em quem tem



acesso a ela, o que lhe confere poder e privilégio sobre quem não tem – e no caso do livro enquanto objeto de consumo, isso se intensifica, dando poder ao circuito livreiro, que lucra com a propagação de mais e mais obras e mais e mais exemplares. Nos livros eletrônicos, esse caminho é mais fácil, considerando as ferramentas disponibilizadas pelos computadores e dispositivos móveis de acesso e leitura das obras.

Os livros são, de alguma forma, um registro da sociedade. Assim, trazem em suas características físicas, intangíveis e também editoriais um reflexo daquilo que se vive e se consome. E, assim como as mídias, sofrem a ameaça de extinção com o tempo; mas uma extinção que é mais relacionada à durabilidade do que propriamente simbólica – já que a qualidade do papel usada atualmente não necessariamente vai garantir a sobrevivência do objeto à passagem do tempo e diante dos leitores modernos.

No século XVIII, os leitores também eram divididos entre antigos e modernos, isto é, “aqueles que reliam mais do que liam” e aqueles que “agarravam com avidez as novidades, novos gêneros, novos objetos impressos – o periódico, o libelo, o panfleto” (CHARTIER, 1999, p.92). E ainda: no começo da era cristã, a tradição era o livro em rolo, e os leitores tiveram que se acostumar ao códice, o que também foi difícil. Mas, nesses casos, sempre havia a questão dos antepassados a orientar e promover aos novos o benefício do aprendizado. Uma questão importante sobre a “revolução eletrônica atual” e sobre a relação dos leitores, bem como de toda a cadeia livreira, é que ela não teve uma geração anterior a quem imitar – o mesmo ocorre com outras mídias, que quando são descobertas causam verdadeiro furor nos espectadores e também naqueles para os quais venham a fornecer lucros; no entanto, depois caem no trivial, e isso com uma velocidade cada vez mais alta. Talvez os *e-books* tenham destino parecido: cair no trivial, convivendo de forma pacífica e, por que não, coexistindo junto a célebres obras impressas.

A partir do esquema apresentado por Darnton (2009), na Figura 1, observa-se que livro impresso e livro eletrônico contêm diferenças muito relevantes, que podem, inclusive, contribuir na compreensão para o número menor das vendas de *e-books* em 2016, apresentadas no início deste estudo.

Autor e editor, no caso dos livros digitais, muitas vezes são a mesma pessoa, o que vem a alterar substancialmente algumas outras etapas da cadeia – muitos autores hoje em dia também acumulam papéis de distribuidores, livreiros e da própria divulgação da obra, dada a diferença e o contexto exigido para o lançamento de um *e-book*.

Por outro lado, o lançamento de um livro impresso, com cada uma das etapas seguidas à risca, requer um investimento do qual não necessariamente o autor dispõe. Essas diferenças e, por vezes, semelhanças, abrem um caminho para o estudo de práticas de leitura em livros impressos e eletrônicos e, ainda, sobre os tipos de obras mais comuns em cada formato. O livro é uma mídia, mas sobretudo, uma mídia que existe sob um domínio cada vez mais do leitor – que enquanto *consumidor* hoje possui forte influência em toda a cadeia, alterando atributos de um outro, o impresso e o eletrônico, e tornando o destino de ambos muitas vezes parecido ao de outros meios, como a televisão, o rádio e até mesmo a rede social.

#### 4. OS BOOKTUBERS

Em seu texto *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1936), Benjamin afirma que a obra de arte sempre foi reprodutível, e discute o quanto a arte poderia perder sua “aura” frente às transformações providas da modernidade. Para o autor, no entanto, a difusão da cultura seria capaz de provocar a democratização do saber. E, embora essa reprodução tenha começado muito antes da internet existir, o ciberespaço apresenta-se “como meio ideal para essa democratização” (SANTA, 2011, p.2).

A reprodução técnica do som iniciou-se no fim do século passado. Com ela, a reprodução técnica atingiu tal padrão de qualidade que ela não somente podia transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, submetendo-as a transformações profundas como conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos (BENJAMIN, 1936, p.5).

Com a cibercultura, a arte passa a ocupar novos espaços na cultura e no consumo, especialmente entre jovens. Para T. S. Eliot (1989), a literatura é abrangente e indissociável na relação com outros sistemas, ou seja, “conjuntos orgânicos” com um caráter inerente à organização consciente ou inconsciente. O autor também afirma que “há algo exterior ao artista a que ele deve obediência, uma devoção à qual precisa submeter-se e sacrificar-se a fim de que possa conquistar sua posição única” (ELIOT, 1989, p. 50).

Hoje, não apenas o cinema, a televisão e as rádios coexistem nesse cenário, mas também as outras formas de difusão da cultura, principalmente pela *web*. De acordo com Kellner (2001, p.29), “a cultura passou a desempenhar um papel cada vez mais importante em todos os setores da sociedade, com múltiplas funções em campos que vão do econômico ao social”. Se por um lado, a pós-modernidade traz consigo a cultura das mídias e democratiza os saberes, por outro, cria novas funções e profissões ligadas ao mundo da arte; o que talvez possa explicar fenômenos como os *youtubers*, indivíduos que possuem um canal na rede social *YouTube*, nos quais apresentam seus vídeos sobre os mais variados assuntos (MANS, 2015).

Na década de 1960, McLuhan (1972) discutiu o conceito de “aldeia global”, partindo do pressuposto de que a tecnologia dos computadores e da telecomunicação em massa causaria transformações e impactos sociais com as inúmeras possibilidades de interligações e trocas de informação. Sua ideia se concretizou algum tempo depois, quando a internet passou a estar ao alcance da população, não mais como uma ferramenta militar de comunicação. Pela primeira vez, um único veículo de comunicação interligaria todos com todos, sem poder calcular o alcance previamente – e então a humanidade ingressou na “Galáxia da Internet” (CASTELLS, 2003, p.8). Para Hall (1997), há um “novo espaço cultural eletrônico”, onde a imagem e a simulação coexistem em um mundo de comunicação instantânea e superficial.

#### 4.1 A PROFISSÃO “BOOKTUBER”

Esse novo universo da arte e da cultura vem criando um mercado que desenvolve bens artísticos e intelectuais de forma acelerada, o que envolve também mais pessoas na produção. Assim, embora sejam os artistas e intelectuais os envolvidos no processo de criação, “a circulação e a transmissão desses bens cabem aos novos intermediários culturais” (SANTAELLA, 2007, p.144). O caráter “assistencial” desses agentes de intermediação pode ser aplicado à modalidade *youtuber*, que posteriormente gerou a expressão *booktuber*.

Entre essas redes sociais em meio digital estão [...] o microblogue Twitter, o Facebook, o MSN Messenger (hoje, Live Messenger) e os blogues, todos arraigados a uma relação de construção de um laço social, além de se caracterizarem por sua natureza democrática e livre de qualquer julgamento por alguma voz de autoridade [...] (SANTAELLA, 2011, p.6).

O que tange à questão da autoridade, é importante observar a relação dos *youtubers* – ou *booktubers* – junto aos jovens. O termo “*booktuber*” surgiu em 2011, usado pela primeira vez pelo australiano Bumblesby como denominação para as pessoas - ou *youtubers* - que faziam críticas e comentários sobre lançamentos editoriais em canais do *YouTube* (MANS, 2015). Para ser um

*youtuber*, basta ter um canal na mais famosa rede social de vídeos da *web* e abordar um determinado assunto; não existe, inclusive, ressalvas quanto a ser ou não especialista na modalidade sobre a qual se pretende falar.

Há pouco tempo, ser um *youtuber* virou, de fato, uma profissão. E há menos tempo ainda, *booktubers* ganharam projeção, a ponto de obterem, inclusive, ganhos financeiros com a atividade. Segundo o G1 (2016), foi nos últimos três anos que a modalidade repercutiu no Brasil. Os “profissionais” criam seus canais no *YouTube*, nos quais gravam vídeos com suas opiniões sobre livros, que vão de clássicos da literatura à ficção científica. Alguns *booktubers* chegam a ter um total de 500 mil visualizações e vêm recebendo até mesmo a atenção de editoras, além de eventos específicos, nos quais podem ter contato real com seus seguidores virtuais.

Faz pouco mais de 20 anos que a internet tomou conta da forma como as pessoas se comunicam, se relacionam e realizam diversas outras atividades todos os dias; e esses dados vêm aumentando ano após ano, em sintonia com o aumento do acesso à rede mundial de computadores – e também do uso de dispositivos móveis, como celulares e *tablets*. Para Lévy (2010), as tecnologias digitais surgiram para ser uma infraestrutura do ciberespaço, um local para comunicação, sociabilidade, entre outras atribuições. E, de fato, é disso que elas vêm sendo feitas.

Os novos modos de comunicação e de acesso à informação se definem por seu caráter diferenciado e personalizável, sua reciprocidade, um estilo de navegação transversal e hipertextual, a participação em comunidades e mundos virtuais diversos etc. [...] O termo ‘ciberespaço’, em contrapartida, indica claramente a abertura de um espaço de comunicação qualitativamente diferente daqueles que conhecíamos antes dos anos 80 (LÉVY, 2010, p.193).

No entanto, esses espaços ainda precisam ser democratizados. Conforme já mencionado, em 2014 o Cetic, órgão vinculado ao Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), registrou, por meio de uma pesquisa realizada entre outubro de 2014 e março de 2015, em 19 mil domicílios, em mais de 350 municípios de todo o Brasil, que 50% dos lares brasileiros estão conectados à internet (ou seja, ainda há muito o que mudar), o que equivale a

32,2 milhões de residências. Em 2013, esse mesmo número era de 43%. Por outro lado, os livros também são oferecidos em todos os níveis, dos mais baixos aos mais altos, fruto da mecanização da impressão e da reprodução dos exemplares (SANTAELLA, 2007, p.288). A soma desses dois fatores pode resultar em um estímulo para o surgimento de linguagens mais híbridas entre leitores e a própria literatura. A internet tem produzido também muita literatura, ainda que não canônica. A quantidade de blogs e outros tipos de perfis autorais em redes sociais cresce a cada ano.

[...] pode-se dizer que o século XX foi o século da coexistência, da convivência e também das misturas da escrita com a imagem. É costume chamar esse século da “era da imagem”, porque a escrita, que havia sido hegemônica desde a invenção de Gutenberg, como já vimos, foi perdendo cada vez mais sua exclusividade a partir de meados do século XIX. [...] Apesar disso, é preciso lembrar que, embora o texto escrito tenha, de fato, perdido sua hegemonia, a quantidade de textos que se produziu no século XX é assombrosa (SANTAELLA, 2007, p.289).

No Brasil, foi Monteiro Lobato quem criou uma importante editora, em 1918, batizada de Monteiro Lobato & Cia – e por meio da qual defendia o dever de pagar os direitos de obra aos escritores. Atualmente, existem cerca de 1280 editoras cadastradas no Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL); criada em 1940, a entidade tem como intuito regulamentar as atividades editoriais e representar a categoria, de ordem governamental e privada (SNEL, 2015).

A cibercultura vem transformando os conceitos sobre leitura e sobre a relação desta com o mundo, prova disso são os inúmeros perfis, em redes sociais diversas, voltados à literatura, à leitura e ao leitor. Para Lévy (1999, p.17), a cibercultura é a especificação do conjunto de técnicas – materiais e intelectuais – de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem com o crescimento do ciberespaço.

Com a crítica literária não é diferente. Os textos literários sempre nasceram *da* e *na* literatura (MOISÉS, 1978, p.59). O que é novo após o século XIX é justamente que o recurso a textos alheios se faça sem preocupação com a fidelidade ou com qualquer forma de hierarquia. Estariam, assim, os

*booktubers* preparados para substituir os críticos literários? Essa possibilidade de substituição, aliás, é coerente? Ou, como afirmou Chartier, “como pensar a leitura diante de uma oferta textual que a técnica eletrônica multiplica mais ainda do que a invenção da imprensa?” (CHARTIER, 2002, p.21). E ainda: seriam os *booktubers* os novos intermediários culturais?

#### 4.2 OS BOOKTUBERS E A CRÍTICA LITERÁRIA

Segundo Souza (2006), é a partir do pensamento de Kant, com a publicação de *Crítica da razão pura* (1781), que a crítica literária vem sendo usada em estudos de linguagem e da filosofia como um meio de valoração de composições literárias e, logo, como um “sistema de saber geral sobre os discursos escritos” (SOUZA, 2006, p.113). A palavra *crítica*, para o autor, veio com o tempo sendo empregada das mais diversas formas, com base em correntes literárias específicas. De acordo com T.S. Eliot, a função da crítica não é mais representada como “a elucidação de obras de arte e a correção do gosto”. Para o autor, a crítica sofreu muitas transformações ao longo dos anos, assim, a definição de sua função também se modificou. Em tempos atuais, a função da crítica é ser promotora da “compreensão da literatura” e do “prazer que dela se obtém” (ELIOT, 1991, p. 156).

Assim, podemos concluir como uma síntese dos seus significados técnicos atuais: sistema geral de saber sobre a literatura, também designado, pelo menos no âmbito da língua inglesa, pela expressão *teoria da crítica (critical theory)*; estudo analítico especializado de composições literárias específicas, também designado, pelo menos no âmbito da língua inglesa, pela expressão *crítica prática (practical criticism)*; apreciação pessoal – e por assim dizer semi-amadorística – de composições literárias específicas, sem preocupação propriamente analítica e sem referência a nenhum sistema conceitual reconhecível (SOUZA, 2006, p. 119).

Na atualidade e no contexto das mídias e dispositivos eletrônicos, os mais jovens querem definir suas próprias autoridades. Para T.S. Eliot (1989), a relação entre o crítico e seu público-alvo é muito importante, pois o primeiro é regido pela teoria literária de seu tempo. Para o autor, o bom e o mau críticos têm diferenças

substanciais: o bom busca “disciplinar seus preconceitos e caprichos pessoais”, em busca de um julgamento coerente; enquanto o mau “deve seu sustento à violência e aos extremos de sua oposição a outros críticos” (p.159). Nesse sentido, o leitor é levado a uma certa produção crítica ociosa de seu rol de obras e textos relevantes, considerando unicamente “certos livros, certos ensaios, certas frases, certos homens que nos têm sido ‘úteis” (ELIOT, 1989, p. 52).

Por esse ângulo, *booktubers* não podem ser nem maus e nem bons críticos, aliando as estratégias mais à visibilidade permitida pela mídia social do que pela função de crítico em si. Benjamin (1955) afirma que “o cinema falado representou, inicialmente, um retrocesso; seu público restringiu-se ao delimitado pelas fronteiras linguísticas”, nesse sentido, os vídeos criados por *booktubers* conservam em si uma delimitação do repertório do criador, de suas práticas de leitura, bem como de seus conhecimentos do cânone, podendo, assim, limitar também o espectador às suas vastas ou parcas informações. Ao considerarmos a definição atual de Souza (2006), no entanto, os *booktubers* não aplicam qualquer tipo de teoria conceitual ligada aos estudos literários. Ao contrário, elaboram seus vídeos com base em suas percepções e experiências com as obras. Em sua maioria, os “*youtubers* dos livros” são jovens, apreciadores da mediação via rede social de vídeos. Em definição simples, os *booktubers* são indivíduos que se dedicam a ter um canal no Youtube sobre literatura - e até sobre cinema e seriados. Nesses canais, é possível conhecer mais sobre um livro ou um autor, o que pode vir a ser uma influência para a escolha destes.

Uma publicação do mercado editorial jovem selecionou os cinco *booktubers* mais populares atualmente (2015). Todos os cinco perfis relatados pela revista – que é voltada a adolescentes, são formados por jovens com menos de 21 anos: Cabine Literária e sua equipe; Juliana Cirqueira, dona do Nuvem Literária; Eduardo Cilto, dono do Perdido nos Livros; Pam Gonçalves; e Bel Rodrigues. Segundo o Catraca Livre (2016), “é o tal do boca a boca do livro, só que on-line no *YouTube*”; o texto cita, ainda, os *booktubers* mais famosos e com mais visualizações: Bruno Miranda (Minha Estante); Pamela Gonçalves; Tatiana Feltrin (*The Tiny Little Things*); Eduardo Cilto (Perdido nos Livros); e Melina Souza (*Serendipity*).



Na 17ª Bienal do Livro do Rio de Janeiro, realizada em setembro de 2015, os *booktubers* foram presenteados, inclusive, com um evento próprio. Os profissionais usam até mesmo uma linguagem própria, como o “*Bookshelf Tour*”, estilo de vídeo no qual eles mostram suas estantes de livros – normalmente estetizadas e preparadas para serem visualizadas pelo público. Além disso, os *booktubers* não estão presentes apenas no *YouTube*. Normalmente, eles também têm páginas em outras redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Skoob* e *Snapchat* (MANSUR, 2015). E não apenas no Brasil, mas em outros locais do mundo, como a Alemanha, que também já tem suas próprias celebridades no ramo. “Lucie Redhead, por exemplo, foi uma das personagens mais aguardadas do “*Kölner VideoDays 2015*” – festival de produtores de vídeos no *YouTube* na cidade de Colônia” (PESCHEL, 2015).

#### 4.3 A LITERATURA EM EVIDÊNCIA

O presidente da Associação Nacional das Livrarias (ANL), Vítor Tavares, afirma que “temos um grande déficit no número de livrarias existentes no país”; existem aproximadamente 2980 livrarias para 5.700 mil municípios, uma média de uma para cada 64 mil habitantes, um número distante do ideal da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que recomenda uma livraria para cada dez mil pessoas (ANL, 2010). Ao recalcularmos a proporção apresentada no parágrafo acima com dados atualizados, obtém-se a seguinte informação: no Brasil há 200,5 milhões de habitantes (IBGE, 2016), 3073 livrarias (ANL, 2015), uma média de uma livraria para cada 66.710 pessoas, ou seja, cada vez mais longe das recomendações da UNESCO. Os *booktubers* e o poder de alcance de que gozam com a internet, de certa forma, podem fomentar esse mercado, considerando que hoje até mesmo editoras consagradas vêm utilizando a ideia como ferramenta de difusão da prática de leitura e da divulgação de diversas obras. Um dos fatores que pode estar associado a isso é o fato de que as editoras vêm aumentando seu faturamento ano após ano (tabela 02).

Tabela 02 – Produção e vendas no mercado editorial brasileiro de 2007 a 2014

Ano	Títulos	1º Edição	Reedição	Faturamento R\$
2007	45.092	351.396.288	329.197.305	3.013.413.692,53
2008	51.129	340.274.195	333.264.519	3.305.957.488,25
2009	43.814	401.309.391	387.149.234	4.167.594.601,40
2010	54.754	492.379.094	437.945.286	4.505.918.296,76
2011	58.192	499.796.286	469.268.841	4.837.439.173,32
2012	57.473	485.261.331	434.920.064	4.984.612.881,04
2013	62.235	467.835.900	479.970.310	5.359.426,184,63
2014	60.829	501.371.513	435.690.157	5.408.506.141,17

Fonte: SNEL (2015)

Há, sim, atualmente uma preocupação em unir a internet com a cultura de leitura, o que concorda com a ideia de Santaella (2007, p194) e sua teoria das cinco gerações da tecnologia comunicacional coexistentes, que são:

a) *Tecnologias do reprodutível* – diz respeito às tecnologias que introduziram o automatismo e a mecanização da vida, como o jornal, a foto e o cinema;

b) *Tecnologias da difusão* – os canais que entraram no mercado da indústria cultural e alastraram-se, como a televisão e o rádio;

c) *Tecnologia do disponível* – tecnologias de pequeno porte que possibilitaram a emersão da cultura de mídias;

d) *Tecnologias de acesso* – relacionam-se ao mundo virtual possibilitado pela internet, caracterizado pela mutação e multiplicidade; e

e) *Tecnologia da conexão contínua* – teve início quando o acesso à internet se tornou independente de âncoras como *modems* e cabos e, a partir disso, o ambiente urbano adquiriu um novo formato, que é resultado da conexão à internet com a vida ocorrendo simultaneamente.

Nas redes sociais, o perfil do usuário é constituído a partir das informações que cada um dispõe e onde é possível postar vídeos, fotos, comunicar-se com as pessoas e realizar muitas outras atividades (GUNELIUS, 2012), o que complementa também a lógica do advento do mercado absoluto de Lévy. Para o autor, o ciberespaço tem vocação para a compra e venda de todo o tipo de mensagens, informações, programas, imagens e jogos.

Dessa rede cada vez mais densa de signos visuais resultou a chamada “era da imagem”, que já teve início desde a invenção da fotografia, intensificando-se crescentemente no decorrer do século XX, com o cinema, TV, vídeo, holografia e imagens computacionais (SANTAELLA, 2007, p.289).

Apesar da quase hegemonia das imagens e dos vídeos, sobretudo por meio das mídias, experienciada nos dias de hoje, uma pesquisa realizada entre 2011 e 2015 indicou que o número de leitores no Brasil subiu em seis pontos percentuais (NOGUEIRA, 2016). “O levantamento, que teve abrangência nacional, aponta que o país tem cerca de 104,7 milhões de leitores, ou seja, 56% da população”, afirma. Resta analisar o que as pessoas estão lendo. De acordo com a 4ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Ibope sob encomenda do Instituto Pró-Livro, o livro mais vendido nas livrarias brasileiras é a autobiografia de uma jovem *youtuber*, Kéfera Buchmann (tabela 02).

Tabela 03 – Livros e autores mais citados em pesquisas

<b>Livros mais citados</b> <i>(em ordem decrescente)</i>	<b>Autores mais citados</b> <i>(em ordem decrescente)</i>
18º) Bíblia	16º) Augusto Cury
17º) Diário de um banana, Jeff Kinney	15º) João Ferreira de Almeida
16º) Casamento Blindado, Renato Cardoso	14º) Zíbia Gasparetto
15º) A Culpa é das Estrelas, John Green	13º) Padre Marcelo Rossi
14º) Cinquenta Tons de Cinza, E. L. James	12º) Cristiane Cardoso
13º) Ágape, Padre Marcelo Rossi	11º) Cristiane e Renato Cardoso
12º) Esperança, Suzanne Collins	10º) Paulo Coelho
11º) O Monge e o Executivo, James C. Hunter	9º) Allan Kardec
10º) Ninguém é de ninguém, Zíbia Gasparetto	8º) John Green
9º) Cidades de Papel, John Green	7º) Chico Xavier
8º) O Código da Inteligência, Augusto Cury	6º) Ellen G. White
7º) Livros de Culinária	5º) Machado de Assis
6º) Livro dos Espíritos, Allan Kardec	4º) Padre Fábio de Melo
5º) A Maldição do Titã, Rick Riordan	3º) Maurício de Souza
4º) A Menina que Roubava Livros, Markus Zusak	2º) Bispo Edir Macedo
3º) Muito mais que cinco minutos, Kéfera Buchmann	1º) Kéfera Buchmann
2º) Philia, Padre Marcelo Rossi	
1º) A Única Esperança, Alejandro Bullon	

--	--

Fonte: Instituto Pró-Livro via G1 (2016)

Para Santaella (2007), existem seis distintos ciclos comunicacionais e culturais: a oral, a escrita, a impressa, a cultura de massas, a cultura das mídias e a cibercultura. Segundo a autora, indivíduos em diferentes ciclos convivem de forma “harmônica”, coexistindo em meio aos hibridismos. Para a autora, a globalização, especialmente após a internet, contribuiu grandemente para o surgimento dos intermediários culturais, “que administram as cadeias de distribuição das novas mídias globais” (SANTAELLA, 2007, p.145).

Ao valorizarem a cultura impressa, o livro físico, por assim dizer, os *booktubers*, de certa forma, estabelecem diálogos e conexões entre a cultura impressa e a cibercultura, não colocando um em detrimento do outro, mas fazendo reverberar a coexistência da leitura e dos leitores reais em um universo voltado de atitudes que existem apenas no ciberespaço. Dessa forma, podem configurar que a autora chama de intermediários. Por outro lado, ao falarem de literatura – canônica ou não – esses indivíduos estão estimulando a leitura e os leitores, bem como o prazer pela literatura, cumprindo, muitas vezes, um papel de críticos literários, uma vez que, na atualidade, a crítica pode existir sem o uso de teorias conceituais (SOUZA, 2006). Da mesma forma, a própria expressão *crítica literária* veio sofrendo modificações e questionamentos ao longo do tempo, a partir de correntes literárias específicas, no entanto, pela “valoração de composições literárias” em si, podemos dizer que os *booktubers* oferecem, sim, suas críticas aos seus espectadores.

Sob o aspecto da cultura da mídia, fica cada vez mais visível a influência de profissionais de *marketing*, publicidade, relações públicas, jornalistas, produtores e apresentadores de programas de televisão e rádio, comentaristas da área de moda e outros que exerçam papéis a atividades de caráter assistencial sobre o consumo de cultura, incluindo a literatura. E a “autoridade” desses indivíduos se potencializa com a internet e as redes sociais. Inegavelmente, a modalidade de produção de vídeos em canais específicos do *YouTube* vem influenciando gerações, principalmente mais jovens, por meio da transmissão e circulação de todo o tipo de informações. No entanto, é necessário

um estudo muito mais aprofundado, que verifique as obras e a própria prática de leitura desses jovens na cibercultura para que se examine a efetividade de tais modalidade, em destaque, os *booktubers*. A crítica literária, não é novidade, não tem como objetivo vender livros ou ampliar o número de leitores em uma sociedade, mas é exercida com o intuito de valorar as criações literárias para que, a partir de então, outros e novos indivíduos possam ter acesso à fruição das obras.

O item na sequência trata da metodologia utilizada para a parte prática dessa pesquisa, realizada por meio da interação com jovens leitores universitários em uma instituição de ensino da cidade de Curitiba, por meio de uma disciplina eletiva.

## 5. METODOLOGIA

### 5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

As metodologias propostas para esse projeto foram pesquisas quantitativas e também qualitativas, ambas de caráter exploratório. De acordo com Chizzotti (2010, p.89), a pesquisa qualitativa tem como objetivo “intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa”. Ou ainda, em resumo, “o objetivo da pesquisa qualitativa é apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista” (GASKELL, 2015, p.70).

A pesquisa quantitativa, por outro lado, “pelo suporte em medidas e cálculos mensurativos que utiliza” (CHIZZOTTI, 2010, p.27), permite quantificar os dados, transformando-os em números úteis para a análise de resultados, juntamente às informações qualitativas. Para essa pesquisa, foi utilizado, no primeiro encontro com o grupo, um questionário para que fosse possível conhecer melhor os estudantes em termos socioeconômicos e culturais, bem como suas práticas de leitura, antes que os diários fossem aplicados e devidamente preenchidos, conforme consta no item 4.2.3, tabela 03.

O questionário consiste em um conjunto de questões pré-elaboradas, sistemática e sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema da pesquisa, com o objetivo de suscitar dos informantes respostas por escrito ou verbalmente sobre o assunto que os informantes saibam opinar ou informar (CHIZZOTTI, 2010, p.55).

Como já mencionado, nessa dissertação o foco da investigação foram as práticas de leituras, bem como as mudanças ocorridas na forma como essa atividade é realizada entre jovens universitários da cidade de Curitiba, Paraná, matriculados em cursos das áreas de Comunicação e Artes de uma instituição local. Minayo (2015, p.61) afirma que o trabalho de campo “permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma relação com os ‘atores’”, dependendo, ainda, de como foi realizada e aproveitada a fase exploratória.

No caso dessa pesquisa, essa aproximação também foi possível devido à convivência com os atores durante os encontros da disciplina eletiva. Gaskell (2015, p.64) acrescenta que “a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sine qua non* da entrevista qualitativa”; e os diários podem se configurar dessa forma: como entrevistas em profundidade realizadas por meio de relatos.

## 5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

### 5.2.1 Problema de pesquisa

Para Deslandes (2015), a definição do problema de pesquisa é a razão principal de existência de um projeto. Nesse projeto, foi definido como problema de pesquisa a seguinte questão: ***como são as práticas de leitura entre jovens universitários na cibercultura?***

Vale observar, nesse contexto, o que diz Chizzotti (2010) a respeito da metodologia da pesquisa qualitativa:

O processo da pesquisa qualitativa não obedece a um padrão paradigmático. Há diferentes possibilidades de programar a execução da pesquisa. Vale muito o trabalho criativo do pesquisador e dos pesquisados. O resultado converge para um conjunto de microdecisões sistematizadas para validar um conhecimento coletivamente criado, a fim de se eleger as estratégias de ação mais adequada à solução dos problemas. (CHIZZOTTI, 2010, p.105).

Os estudantes universitários que fizeram parte da pesquisa estavam no sexto e oitavo períodos de seus cursos, ou seja, jovens prestes a concluir a faculdade e integrar o mercado de trabalho. Segundo Chizzotti (2010, p. 83), os indivíduos que participam da pesquisa são conhecidos como sujeitos, “que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam”. Esses sujeitos têm e terão, como profissionais formados, grande impacto da formação de opinião a respeito da leitura e suas práticas.

### 5.2.2 Objetivo geral da pesquisa

Embora a forma como os estudantes universitários leem possa configurar um problema social, esse projeto busca a confecção de um problema científico, duas questões diferentes (MINAYO, 2015). Por isso, a fim de que a pergunta de pesquisa levantada pudesse ser respondida, foi proposto o seguinte objetivo geral: analisar as práticas de leituras na cibercultura de estudantes universitários do oitavo e sexto períodos, em cursos de áreas de Comunicação e Artes, de uma instituição de ensino privado, localizada em Curitiba.

### 5.2.3 Objetivos específicos

Segundo Deslandes (2015, p. 45), “os objetivos específicos são formulados pelos desdobramentos das ações que serão necessárias à realização do objetivo geral”. Portanto, para que o objetivo geral da pesquisa fosse alcançado, foram propostos os seguintes objetivos específicos:

- Conhecer o perfil socioeconômico desses estudantes e a relação dessa informação com suas práticas de leitura na cibercultura, por meio de um questionário aplicado no primeiro encontro com o grupo;
- Examinar a fundo suas práticas de leituras, em relação a horários, dias, locais e utilização ou não de plataformas físicas ou móveis, a partir da produção de um *Diário de Leituras* de cada um dos participantes da disciplina eletiva;
- Verificar hábitos de leitura além do livro ou *e-book*, incluindo outros ambientes digitais ou impressos, como blogs, portais e revistas, por exemplo, também por meio das informações preenchidas nos *Diários de Leituras*;
- Compreender a história do livro e sua relação com as possíveis mudanças nos hábitos de leitura desses estudantes, conforme aprofundado no terceiro capítulo desta dissertação;
- Verificar a exposição do *homo lector* em outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*, tanto por meio dos *Diários de Leituras* quanto no Apêndice A deste estudo; e



- Reconhecer outras formas de consumo de cultura desses jovens universitários, ligados ou não ao contexto acadêmico, em especial, via questionários aplicados no primeiro encontro com o grupo.

#### 5.2.4 Instrumentos da pesquisa

Configuram-se como instrumentos da pesquisa os métodos utilizados para a formulação de informações válidas e úteis. Chizzotti (2010, p.89) relata que eles podem ser a “observação participante, a entrevista individual e coletiva, o ‘teatro da espontaneidade’, o jogo de papéis, a história de vida [...]”, entre muitos outros. Os instrumentos para a geração de dados nesse estudo foram aplicados da seguinte forma e na seguinte ordem:

**1º passo: primeiro encontro com o grupo e aplicação dos questionários;** (AGOSTO / 2016). *Objetivo:* coletar informações sobre o perfil socioeconômico dos estudantes, incluindo alguns hábitos e preferências de leitura.

**2º passo: entrega dos *Diários de Leituras* e explicação da pesquisa;** (AGOSTO / 2016). *Objetivo:* gerar dados sobre as práticas de leituras desses estudantes, em “tempo real”, incluindo dia, tempo/período em que permaneceu lendo, local/situação e dispositivo em que leu.

**3º passo: produção da *fanpage ‘Práticas de Leitura’* no Facebook;** (SETEMBRO / 2016). *Objetivo:* verificar a relação do público de Facebook, incluindo gerações de outras faixas etárias, com a leitura, bem como a dos próprios estudantes participantes da pesquisa com essas postagens. Essa parte da pesquisa, no entanto, não teve o êxito esperado e não está considerada nos resultados apresentados a seguir.

**4ª passo: atividades e produções da disciplina eletiva;**(AGOSTO, SETEMBRO, OUTUBRO E NOVEMBRO / 2016). *Objetivo:* averiguar se as

informações coletadas por meio do Diário de Leituras e do questionário eram coerentes e verossímeis.

**5º passo: recolhimento dos Diários de Leituras.** (NOVEMBRO / 2016).

*Objetivo:* conferir as informações registradas, respeitando a própria forma de preenchimento de cada aluno para realizar, posteriormente, as análises para identificação do perfil e das práticas dos leitores na cibercultura, objetivo principal dessa pesquisa.

### 5.2.5 Seleção do grupo

Os dados foram gerados pelo questionário inicial de contato com os alunos e pelos *Diários de Leituras*. Para Chizzotti (2010, p.84), os dados “se dão em um contexto fluente de relações: são ‘fenômenos’ que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos”. Neste caso, em que a pesquisa por meio dos diários definhada para essa dissertação se torna basicamente um *questionário* qualitativo, afirma Gaskell:

As perguntas são quase que um convite ao entrevistado para falar longamente, com suas próprias palavras e com tempo para refletir. Além do mais, diferentemente do levantamento, o pesquisador pode obter esclarecimentos e acréscimos em pontos importantes com sondagens apropriadas e questionamentos específicos (GASKELL, 2015, p.73).

Esses questionários obtiveram informações sobre o perfil socioeconômico dos alunos, suas preferências em relação às obras, além de horários e locais mais comuns para a leitura, entre outras. Também foram criados um grupo no *Facebook*, para a intermediação entre os participantes, e uma *fanpage*, que foi administrada em conjunto por todos os alunos, na qual revelaram, por meio de postagens (texto e imagem), as práticas de leituras de outros jovens da cidade. Esses dois últimos itens, no entanto, não apresentaram dados suficientemente precisos e conclusivos para a pesquisa e foram, portanto, descartados em uma primeira análise.

Os alunos também preencheram um diário semanal de todas as suas leituras, que foi devidamente utilizado como instrumento principal para a geração de dados a serem interpretados posteriormente.

A seleção do grupo se deu a partir do próprio interesse dos alunos em participar da disciplina eletiva de *Comunicação, Literatura e Cibercultura*, ofertada no segundo semestre de 2016, conforme já mencionado, entre os cursos de Teatro, Música, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Jornalismo, em uma universidade curitibana.

### 5.2.6 Desenvolvimento da pesquisa

A aplicação dos instrumentos da pesquisa ocorreu entre os meses de agosto, setembro, outubro e parte de novembro de 2016, durante encontros semanais às quartas e sextas, das 7h50 às 8h35, com o grupo da disciplina eletiva.

Os dados são colhidos, *iterativamente*, num processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa e na *interação* com seus sujeitos. Em geral, a finalidade de uma pesquisa qualitativa é intervir em uma situação insatisfatória, mudar condições percebidas como transformáveis, onde pesquisador e pesquisados assumem, voluntariamente, uma posição reativa. (CHIZZOTTI, 2010, p.89).

Ao fim do semestre, os alunos também produziram um trabalho que poderá ser utilizado para a extração de dados a serem analisados para pesquisas e produções posteriores. Nesse momento e a partir da revisão bibliográfica definida para esse trabalho, essas informações não se mostraram precisas para uma análise conclusiva.

### 5.2.7 O grupo

Os integrantes do grupo de pesquisa, 18 estudantes no total, foram nomeados por *personagens fictícios da literatura* e não apresentam relação com seus repertórios ou práticas de leituras, nem com outras informações colhidas durante o processo de geração de dados; a escolha, portanto, deu-se

aleatoriamente pela pesquisadora. Ao contrário, as informações descritas sobre os personagens na tabela abaixo são reais e foram produzidas a partir de depoimentos dos alunos e alunas participantes da disciplina eletiva e, também, pelas impressões da pesquisadora. São dados que, de alguma forma, têm relação com seus estilos de vida, quem são, o que procuram em termos de informações, além de preferências voltados à leitura e navegação na internet.

Tabela 04 – Personagens da pesquisa

<b>1. Quindim</b>	20 anos, branca, assexual.
Uma aluna extremamente ansiosa e sedenta de conhecimento. Parece buscar (e talvez encontre) na literatura um conforto para sua própria condição de existência. Segundo afirmou, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, poderia ser seu livro de cabeceira.	
<b>2. Nelsinho</b>	23 anos, branco, homossexual.
Normalmente, lê no ônibus ou quando precisa ficar por dentro de algum assunto ligado ao trabalho ou à faculdade. Durante os encontros, demonstrou gostar mais de ler do que supunham suas respostas nos questionários.	
<b>3. Capitu</b>	20 anos, branca, heterossexual.
Diz gostar de ler e ler todos os dias, embora afirme que lê “literatura” apenas uma vez por mês. Curte livros de Dan Brown e também blogs, revistas, jornais e outras formas de leitura pela <i>web</i> .	
<b>4. Alice</b>	20 anos, negra, heterossexual.
Gosta de literatura pelas histórias e prefere ler quando está em casa, de pijama, antes de dormir. Não parece ler por vaidade, mas por curiosidade de mundo, para ter um repertório melhor para si mesma.	
<b>5. Dulcinea</b>	20 anos, branca, bissexual.
Lê no ônibus, quando está à espera de algo ou alguém ou quando precisa ficar por dentro de um assunto, afirmando ter prazer real na atividade. Seu escritor preferido é Philip Pullman, e o último livro que havia lido foi “Chá de Sumiço”, da Marian Keys.	
<b>6. Emma</b>	20 anos, branca, não respondeu.

<p>Sua paixão é o cinema, mas interessou-se pela disciplina e pelos encontros por achar que a literatura é uma arte muito próxima deste. A última viagem que fez foi para Nova Iorque e costuma ler livros técnicos. Não especificou nada sobre seu escritor favorito.</p>	
<b>7. Emília</b>	20 anos, branca, não respondeu.
<p>Seu escritor favorito é Gabriel García Márquez, e lê por diversas motivações: por prazer, pra passar tempo, pra pegar no sono, por hábito e também por necessidade, em especial, livros técnicos ou acadêmicos. O último livro que leu antes das aulas foi “A guerra não tem rosto de mulher”, de Svetlana Aleksievitch.</p>	
<b>8. Pollyanna</b>	22 anos, branca, heterossexual.
<p>Lê todos os dias, geralmente quando está à espera de algo ou alguém ou quando não tem nada para fazer. Jamais leria “Cinquenta Tons de Cinza”, e gosta de autores como J.R.R. Tolkien, Sylvia Plath e Neil Gaiman.</p>	
<b>9. Escobar</b>	26 anos, branco, heterossexual.
<p>Afirma ler todos os dias e gostar muito do escritor Jorge Amado. Disse que sua motivação para integrar o grupo veio da busca por “voltar a ter uma leitura mais assídua, não só de livros para o trabalho”.</p>	
<b>10. Santiago</b>	23 anos, branco, heterossexual.
<p>Não era exatamente um aluno participativo no grupo. Quase não se manifestava nas discussões e, por meio dos questionários e outras interações durante o semestre, mostrou ter um repertório de leitura muito fraco, além de parecer estar ali por obrigação.</p>	
<b>11. Macabéa</b>	19 anos, branca, heterossexual.
<p>A participante não tinha um amplo repertório literário, mas muito interesse pela literatura. Inclusive, demonstrou um “crescimento” após o fim dos encontros com o grupo, buscando novas leituras. O último livro que havia lido até então foi “Feliz por nada”, da escritora gaúcha Martha Medeiros.</p>	

<b>12. Lola</b>	22 anos, branca, heterossexual.
<p>Não tem escritor favorito, nem livro favorito, mas diz ler por prazer, geralmente literatura (romances, contos, crônicas, poesias, outras). Jamais leria “O Capital”, de Marx ou o <i>best seller</i> “Cinquenta Tons de Cinza”.</p>	
<b>13. Annabel Lee</b>	22 anos, negra, heterossexual.
<p>Sua motivação maior é a escrita; mostrou-se interessada na literatura por busca de fontes para suas próprias criações, embora tenha sido bem participativa nos encontros e nas leituras realizadas em sala.</p>	
<b>14. Charles</b>	20 anos, branco, bissexual.
<p>Seu livro de cabeceira poderia ser “1984”, de George Orwell. Lê por prazer, por hábito, por necessidade, sempre impressos. Não costuma ler no computador, a menos que sejam livros em inglês, pois acredita que dispositivos móveis facilitem a pesquisa de vocábulos e outras dúvidas que surgem no processo.</p>	
<b>15. Molly Bloom</b>	22 anos, branca, heterossexual.
<p>Adepta de um estilo <i>rocker</i>, gosta de ler biografias de músicos e também trilologias consagradas, além de <i>fanfics</i>. Devido a um problema pessoal, foi se ausentando bastante no decorrer dos encontros.</p>	
<b>16. Clarissa</b>	22 anos, branca, heterossexual.
<p>Uma aluna bem ausente nos encontros e bem quieta quando presente. Gosta de ler livros religiosos e costumava sair 10 minutos antes para ir a uma espécie de missa que ocorria nas sextas-feiras, dia dos encontros.</p>	
<b>17. Tom</b>	20 anos, branco, homossexual.
<p>Um aluno muito ausente no grupo; que parecia também ter estado ausente em todas as aulas da faculdade. Entrou na disciplina porque gosta de escrever e acredita na escrita (diários) como espécie de salvação pessoal. Quando aparecia, era razoavelmente participativo.</p>	
<b>18. Daisy</b>	19 anos, branca, heterossexual.

Considera a leitura uma atividade de lazer, mas também lê porque gosta de se manter informada. Gosta de romances, contos, crônicas, poesias e também de livros religiosos ou sobre espiritualidade.

Fonte: a autora.

### 5.2.8 Diários de Leituras

Os Diários de Leitura foram o principal meio de produção de dados para essa dissertação. Assim, logo nos primeiros encontros, em agosto, os alunos receberam um caderno físico com seus nomes na capa e uma carta (Anexo C) solicitando o preenchimento correto das informações pedidas: o *tipo de leitura*, *local*, *tempo* e *dispositivo* mais frequentes.

Todos os diários foram entregues preenchidos ao final do mês de novembro de 2016; alguns haviam sido modificados, isto é, provavelmente foram perdidos e “resgatados” no meio do processo para que as anotações fossem registradas, outros voltaram exatamente como início, apenas acrescidos dos registros.

De forma geral, os dados mostraram-se satisfatórios para uma análise baseada na teoria exposta pelos autores definidos para esta dissertação e foram suficientes para um recorte conclusivo a respeito das práticas do jovem leitor da cibercultura.

## 5.3 DIÁRIOS DE LEITURAS

### 5.3.1. Quindim

Essa personagem foi a mais ávida leitora de todos os participantes da pesquisa. Não apenas em função de ter participado da eletiva, mas porque, de fato, é uma leitora assídua. Até o mês de outubro, atualizou o diário todos os dias, registrando todas as leituras realizadas; depois, espaçou muito pouco os registros, mantendo-os até os últimos dias de novembro. O maior tempo que passou lendo uma mesma obra foi no dia 16 de agosto, por uma hora e 50 minutos, com mais 30 minutos, o livro “Do que eu falo quando eu falo de corrida”, de Haruki Murakami, em pdf, no computador, que foi finalizado nesse dia.

Durante o tempo de realização da pesquisa, passou, em média, 50 minutos lendo todos os dias, inclusive obras clássicas da literatura, como “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, “Lolita”, de Vladimir Nabokov, “Meu pé de laranja lima”, de José Mauro de Vasconcelos, “As Flores do Mal”, de Charles Baudelaire, e “Do amor e outros demônios”, Gabriel García Márquez. Tem verdadeira adoração por obras e autores que trazem a cultura do oriente. Os menores tempos de leitura (em torno de 10 a 20 minutos) foram dedicados a leituras voltadas à sua formação universitária, e os locais onde mais leu foram na própria universidade, para passar o tempo, e em casa, por lazer, muitos livros impressos e também em pdf, no computador.

### **5.3.2. Nelsinho**

É um exemplo da geração digital e “digitalizada”, pois fez os registros pelo celular, depois os imprimiu e colou no caderno. Leu principalmente jornais, revistas, blogs e *apps* sobre cinema e variedades, no meio on-line, geralmente no ônibus indo para a faculdade ou para o trabalho, mas também em casa. “Leituras” de Facebook também foram frequentes em seu diário. Passa um tempo razoável fazendo suas leituras, uma média de três horas. Em suas leituras, apenas dois livros impressos constaram como entretenimento: “Conversas com Woody Allen”, de Eric Lax, e “Linha M”, de Patti Smith, além de algumas obras relacionadas à universidade. Atualizou o diário com bastante frequência; e leu mais tempo durante a semana, provavelmente para passar o tempo, do que nos finais de semana como lazer. Os jornais Folha de S. Paulo e Gazeta do Povo, e os portais G1, RD1, Papel Pop, Omelete, Bonde, Filmow, Teco Apple e Miojo Indie apareceram quase que em todos os seus registros. Também lê muito em casa e durante o trabalho. Suas preferências de leitura são claramente ligadas à música, ao cinema e à arte de forma geral.

### **5.3.3. Capitu**

Trata-se de uma leitora curiosa. A impressão que temos é que poderia gostar mais de ler se tivesse mais acesso; não em termos de classe social, mas de proximidade e aconchego com a literatura. Ao se conviver com ela, é possível



supor que tem certo medo das descobertas que os livros podem proporcionar. Não fez muitos registros no diário, mas sempre que os fazia, trazia detalhes de sua opção por esta ou aquela leitura. Geralmente, faz leituras de autoajuda, conselhos e dicas, via *apps* e sites, incluindo o Facebook. Sobre livros, seus registros foram apenas voltados à produção de seu trabalho de conclusão de curso. Durante a pesquisa, começou a ler “Orgulho e Preconceito”, de Jane Austen, e diz ter chegado à página 25 enquanto esperava ser atendida em uma consulta médica; doze dias depois, relatou ter concluído o livro e gostado, “embora já tivesse visto o filme, pois ama adaptações”. Em seus registros, também comentou que voltou a ler um livro que estava esquecido há um tempo, “Inferno”, de Dan Brown, talvez motivada pela experiência da disciplina. Seu diário de leitura foi atualizado poucas vezes durante os meses da pesquisa, mas como aluna era participativa e interessada por literatura em sala de aula.

#### **5.3.4. Alice**

O diário dessa personagem teve atualizações bem constantes, e suas leituras refletem um pouco do que ela almeja conquistar. Por ser negra, concentra a maior parte do seu tempo de leitura em temas voltados à ascensão e aceitação da mulher cultura negra, à consciência de classe e a questões políticas. Faz leituras rápidas, uma média de 10 minutos por dia, geralmente em blogs de moda e jornais nacionais, sempre em plataformas digitais (*desktop*). Não houve nenhum registro de “leitura literária” em seu diário, embora tenha lido alguns artigos impressos. Nas aulas, interessava-se em discutir e compreender os temas apresentados, especialmente, se faziam referência à consciência negra e à mulher.

#### **5.3.5 Dulcineia**

Uma leitora que não se preocupa em impressionar pelo que lê, embora seja uma típica jovem da geração “estetizada” pelas redes sociais e pelo consumo da cultura das mídias; até mesmo seu diário voltou repleto de figurinhas e “enfeites” com personagens de cinema, como canetas coloridas e *post-its*. As atualizações vieram com um intervalo grande entre uma e outra, mas era fácil

notar sua participação nas aulas frente aos temas literários. O primeiro registro de leitura tratava de um livro impresso “Star Wars – Ascensão da Força Sombria”, de Timothy Zahn, o qual chegou a permanecer lendo por mais de uma hora, tanto em casa quanto no ônibus. Também relatou leituras relacionadas ao trabalho e à faculdade, geralmente realizadas em blogs ou no Facebook. É ligada ao meio digital – inclusive, faz leituras on-line a respeito de SEO, Google e afins, e também a questões de ficção científica e curiosidades.

### **5.3.6. Emma**

O primeiro registro de seu diário demonstrou uma tentativa de ler “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector, versão impressa, que disse ter lido por meia hora e depois deixado de lado por não ter gostado do estilo da escrita da autora. Na sequência, iniciou a leitura da edição impressa de “Bufo & Spallanzani”, de Rubem Fonseca, afirmando gostar do autor. Suas leituras on-line eram mais voltadas à faculdade, por meio de obras bem específicas sobre psicologia das cores e semiótica, temas de sua monografia. Registrou, ainda, como “leitura”, 180 minutos dedicados à série Black Mirror; um ato típico da geração de consumo midiático em excesso, que confunde leitura com absorção de ideias em qualquer meio, como a própria internet. Também registrou outros filmes e documentários assistidos, pesquisa de artigos no Google e a leitura de revistas como Veja e Piauí. Suas leituras – quando não apareciam em forma de filmes – geralmente eram sobre o universo do cinema, sua declarada paixão, em plataformas on-line, com tempo médio dedicado de 35 minutos.

### **5.3.7. Emília**

Uma leitora digital e voraz; assim demonstra ser já a partir de seu primeiro registro do diário, quando relata ter concluído a obra “Holocausto Brasileiro”, de Daniela Arbex por meio de um *e-reader* no computador, durante três horas ininterruptas. Também expõe a leitura diária, por mais ou menos uma hora todos os dias, de jornais nacionais e internacionais, como Folha de S. Paulo, El País, L’Express, Washington Post e Huffington Post. Ainda no início do diário, afirmou ter concluído a obra “A Espuma dos Dias”, de Boris Vian, novamente via e-

*reader*. Em seus registros, apareceram também a leitura de HQs e blogs de tecnologia, além de artigos acadêmicos (estava a prestar a prova para um mestrado na área, para o qual foi aprovada antes da conclusão do semestre). Faz muitas leituras on-line, tanto em casa, quanto no ônibus, no trabalho e também na biblioteca – hábito pouco cultivado por jovens universitários atualmente, vide observação dos relatos de leitura apresentados nesta dissertação. Seu tempo médio de leitura diário ultrapassa duas horas, chegando a cinco para leituras mais específicas de estudos. Apareceram em seus registros obras como “Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios”, de Marçal Aquino, “O Livro dos Abraços”, de Eduardo Galeano, “Uma Nova Mulher”, de Marina Colasanti, “Cinderela Chinesa”, de Adeline Yen Mah, “O Doido da Garrafa”, de Adriana Falcão, “O Seminário dos Ratos”, de Lygia Fagundes Telles e “Olhos de Cão Azul”, Gabriel García Márquez. Chamam atenção em seus registros obras sobre mulheres e o uso do dispositivo eletrônico *kindle* em diversos momentos.

### **5.3.8. Pollyanna**

Twitter, Facebook e outras redes sociais fazem parte do repertório de leitura diário dessa personagem, que lê principalmente à noite, em casa, pouco antes de dormir, permanecendo nessa atividade por até mais de três horas. Revistas de variedades, inclusive impressas, como Superinteressante (que diz ler “porque minha família assina”), e notícias (via G1 e Yahoo), além de fofocas de celebridades e matérias sobre comportamento, decoração e humor, tutoriais, séries e *Graphic Novels*, também estão presentes com frequência em seus registros. Os livros “Os melhores contos de Oscar Wilde”, “Minha Querida Sputnik”, de Haruki Murakami, “Hyperbole and a Half”, de Allie Brosh e “Demian”, de Hermann Hesse, em versões impressas, apareceram por alguns dias nas páginas do diário, até que foram concluídos. Resenhas de séries, de livros, blogs de moda e receitas e mangás de terror também foram leituras frequentes, realizadas pelo celular, na maior parte das vezes em casa, mas também na faculdade, nos intervalos ou no trajeto de ida e volta. A personagem, assim como anteriores, também registrou no diário filmes e séries assistidas.

### **5.3.9. Escobar**

Nas aulas, Escobar era pouco participativo. No entanto, vez ou outra, durante as leituras, tecia comentários que pareciam demonstrar uma certa afinidade com a literatura. Seus registros no diário foram muito superficiais, não passando de 13 anotações, e suas leituras eram quase sempre voltadas à faculdade, mais especificamente, ao seu trabalho de conclusão de curso, e à busca de algum tipo de informação pessoal ou de trabalho, além de leituras de entretenimento em sites da internet, geralmente sobre esportes. Talvez pudesse se tornar um leitor mais assíduo com alguma forma de estímulo.

### **5.3.10. Santiago**

Santiago, claramente, lê pouco. As informações colhidas em seu diário mostram que para ele a leitura não é um prazer e, sim, uma obrigação. Não demonstrou repertório e nem interesse pela leitura, pelo ato de ler, sobretudo pela mudança de visão de mundo que esta provoca, e nem por novos autores ou obras. Fez poucos registros no diário, sempre voltados à leitura de notícias esportivas e algumas leituras de livros impressos específicos para o uso em citações no seu trabalho de conclusão de curso.

### **5.3.11. Macabéa**

Uma aluna interessada em cinema, literatura, folclore e artes em geral. Participativa em sala e ávida pelo aprendizado, pelas histórias e personagens que a leitura apresenta. Provavelmente, busca no ato de ler inspiração para criar, ao mesmo tempo em que sai de sua realidade. Atualizou seu diário quase diariamente, com tempo médio de leitura de uma hora, chegando às vezes a passar de três. Suas leituras foram feitas em casa e também em locais públicos (Centro Espanhol, Centro Espírita e seu local de estágio), a trabalho ou lazer – inclusive no parque, em um equilíbrio entre obras impressas variadas, quando literatura, e blogs com artigos diversos (sobre cinema, moda, dança e comportamento). Obras espíritas como “Nosso lar” e “O Livro dos Espíritos”, de Chico Xavier, apareceram com frequência, além de livros específicos sobre a

área em que deseja atuar; roteiros, *storytelling* e afins. Durante o período em que escreveu no diário, leu em momentos de lazer os livros “Trem noturno para Lisboa”, de Peter Bieri, “Livraria 24 horas”, de Robin Sloan e Rodrigo Corral, e “Os sentidos da paixão”, de Adauto Novaes.

### **5.3.12. Lola**

Suas leituras são movidas por paixões pessoais e curiosidades. Gosta de poesia via *Tumblr*, vídeos na plataforma YouTube (que registrou no diário como se fossem leituras), blogs de variedades, Facebook, geralmente pelo celular. Não registrou o tempo que permaneceu lendo, mas, por se tratar de leituras rápidas, provavelmente não passou de 30 minutos por dia. Gosta de ler obras em inglês, tem tentado segundo seus registros. Não demonstra linearidade nas leituras, pois inicia uma obra, interrompe-a, inicia outra, e assim por diante. Começou a ler “Mrs Dalloway”, de Virginia Wolf, que abandonou para ler “Lolita”, de Nabokov. Interessa-se também por Sylvia Plath, por artigos sobre feminismo, fotografia e imagens e quadrinhos, que afirmou gostar de ler via *e-books*. Seus registros vinham acompanhados de algumas emoções, boas ou ruins, por ler este ou aquele livro.

### **5.3.13. Annabel Lee**

Muito pouco participativa nas aulas, essa personagem é curiosa e interessada por literatura. Gosta de escrever, em especial, poesia, essa talvez seja sua principal motivação para a leitura. Em seus poucos registros, apareceram com muita frequência a leituras de revistas, Exame e Mundo Estranho, além de portais de notícias ou *links* via Facebook. O único livro registrado foi “Para onde ela foi”, de Gayle Forman, que ela não concluiu enquanto preenchia o diário.

### **5.3.14. Charles**

Esse personagem tem um bom repertório de leitura, autores e obras. Conhece o que é do cânone, tem interesse por isso. Demonstra certa erudição ao escrever e fazer seus comentários em sala. Passa, em média, três horas por

dia no computador lendo notícias, e-mails, blogs e outros artigos via Facebook. Relatou ter sido interrompido em suas leituras por conversas em *chats* e no *WhatsApp*. Logo no início do diário, afirmou estar lendo os livros “The Cage 38”, de Victoria Aveyard, “Cem anos de solidão”, de Gabriel García Márquez, e “O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação”, de Stephen King e Eunice Suenaga. No fim, afirmou ter lido pouco por falta de empenho, preguiça mesmo; apresentou ter facilidade em ler mais “notícias em geral” pela internet e também livros e artigos a respeito de seu trabalho de conclusão de curso, além de uma enorme dificuldade de concentração frente à tentação do celular e das redes sociais sempre à disposição.

### **5.3.15. Molly Bloom**

Gosta de ler todos os dias antes de dormir, por, em média, duas horas, tanto na cama ou na sala de casa. Seu estilo *rocker* fica evidente na escolha das obras e tipos de leitura e até mesmo no adesivo de uma banda colado na capa de seu diário. Também lê blogs de músicas e resenhas sobre bandas e discos. Afirma gostar de novelas e ler os capítulos na internet, pelo celular, antes de assisti-los pela televisão. Também lê *fanfics* – ou *Fan Fictions*, narrativas ficcionais alimentadas pelos próprios fãs por meio de plataformas digitais, com capítulos e finais alternativos –, sempre pelo celular. Afirmou ter que pausar suas leituras em função do trabalho de conclusão de curso, mas também teve um problema pessoal no segundo bimestre e se ausentou bastante das aulas e atividades, deixando de lado, ainda, os registros do diário, que começaram com frequência no mês de agosto e cessaram em setembro.

### **5.3.16. Clarissa**

Muito religiosa, essa personagem se ausentava das aulas de sexta-feira sempre uns minutos antes para ir à missa no campus da universidade. Seus registros de leitura contêm livros voltados à sua área de formação (sobre publicidade, mídia, planejamento e afins) e obras religiosas ou sobre comportamento, como “Tratado Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem”, de Luís Maria Grignon de Montfort, “Ansiedade, como enfrentar o mal do século” e

“Jovens Estressados”, de Augusto Cury, “Escolhi a Santidade” e “Amor Esposal”, de Emmir Nogueira, “Quem me roubou de mim”, Padre Fábio de Melo, “Eterna é a sua misericórdia”, Daniel Ramos e “Escritos”, de Moysés Azevedo. Não registrou o tempo de leitura, tampouco as datas, anotando apenas o nome dos livros com os quais tinha contato, não relatando também onde leu ou se concluiu a obra. Provavelmente, realiza leituras de consulta, voltadas à espiritualidade e bem-estar.

### **5.3.17. Tom**

Um personagem bem ausente nas aulas. Acredita na escrita como forma de transformação pessoal e, assim, vai acumulando leituras rápidas normalmente por meio de blogs e outros artigos da internet, lidos pelo seu computador “Macbook”. Durante a atualização dos diários, afirma ter lido e concluído em duas semanas “Harry Potter and the Cursed Child”, de J. K. Rowling, via edição impressa. Também leu “O Teorema de Katherine”, de John Green, em duas semanas, “O Morro dos Ventos Uivantes”, de Charlotte Brontë, em três semanas, “Herança”, de Christopher Paolini, em uma semana, “O Temor do Sábio”, de Patrick Rothfuss, em um mês, “Mente Criminosa”, de Brian Innes, em duas semanas, “Alucinadamente feliz”, de Jenny Lawson, em uma semana, e “Livre”, de Cheryl Strayed, em uma semana e meia, sempre em obras impressas. Embora não tenha feito registros no diário, também relatou nas aulas ler muitos blogs e sites sobre escrita e sobre o universo da arte.

### **5.3.18. Daisy**

Uma aluna bem participativa nas aulas e que afirma gostar de ler, embora não tenha muito repertório de leituras, nem conhecimento de obras canônicas. Fez registros com uma frequência razoavelmente boa no diário, em especial nos meses de setembro, outubro e novembro. Suas leituras mais demoradas, em torno de uma hora, geralmente eram voltadas a blogs de moda ou de conteúdos voltados à sua área de atuação (marketing, conteúdo digital e afins), lidas em casa pelo *iPad* ou no estágio pelo computador – provavelmente para passar o tempo. Pelo *tablet* ou por um aplicativo pelo celular costuma ler a bíblia em torno

de 15 minutos, quase que diariamente. Revistas impressas e leituras de *tumblr*s e outros *apps* não citados também apareceram em seus registros, assim como os livros impressos “Estranho”, de Craig Groeschel, o qual levou mais ou menos 20 dias para concluir, a biografia de Martin Luther King (autor não citado) e o livro “Pense como um artista”, de Will Gompertz. Embora muitas vezes leia “na rua”, como relatou, seu tempo médio de leitura de um livro é de 30 minutos, geralmente em casa, em seu quarto, antes de dormir.

#### 5.4 MAPA DOS DIÁRIOS

Para melhor compreensão do que foi descrito acima sobre cada um dos personagens a partir de seus registros no diário - o *tipo de leitura, local, tempo e dispositivo mais frequentes* realizados por cada um dos estudantes que participaram da pesquisa - estão expostos na tabela abaixo. Os quadrados em *cinza* correspondem a pontos em que as informações não foram fornecidas com qualidade pelo sujeito pesquisado.

Tabela 05. Mapa dos Diários

ESTUDANTE	TIPO DE LEITURA	LOCAL DE LEITURA	TEMPO MÉDIO LEITURA	DISPOSITIVO LEITURA
<b>Quindim</b>	CLÁSSICOS LITERATURA	UNIVERSIDADE E CASA	50 MIN	IMPRESSO E DIGITAL/ COMPUTADOR
<b>Nelsinho</b>	BLOGS E PORTAIS	ÔNIBUS E CASA	3 H	DIGITAL/ CELULAR
<b>Capitu</b>	AUTOAJUDA COMPORTAMENTO FACEBOOK			DIGITAL/ CELULAR
<b>Alice</b>	CULTURA NEGRA FEMINISMO POLÍTICA MODA		10 MIN	DIGITAL/ COMPUTADOR
<b>Dulcineia</b>	FICÇÃO CIENTÍFICA FACEBOOK LIVROS TÉCNICOS			DIGITAL/NÃO ESPECIFICOU
<b>Emma</b>	BLOGS CINEMA E ENTRETENIMENTO (ADAPTAÇÕES)		35 MIN	DIGITAL/ NÃO ESPECIFICOU
<b>Emília</b>	CLÁSSICOS LITERATURA	CASA TRABALHO	2 H	DIGITAL/KINDLE



	LIVROS TÉCNICOS JORNAIS	UNIVERSIDADE		
<b>Pollyanna</b>	FACEBOOK TWITTER, NOTÍCIAS, ENTRETENIMENTO	CASA	3 H	DIGITAL/ CELULAR
<b>Escobar</b>	PORTAIS DE NOTÍCIAS ESPORTES			DIGITAL/NÃO ESPECIFICOU
<b>Santiago</b>	PORTAIS DE NOTÍCIAS ESPORTES			DIGITAL/NÃO ESPECIFICOU
<b>Macabéa</b>	BLOGS OBRAS RELIGIOSAS LIVROS TÉCNICOS BEST SELLERS	CASA TRABALHO LOCAIS PÚBLICOS	1 H	IMPRESSO E DIGITAL/NÃO ESPECIFICOU
<b>Lola</b>	TUMBLR/YOUTUBE/ FACEBOOK/BLOGS/ LITERATURA		30 MIN	DIGITAL/NÃO ESPECIFICOU
<b>Annabel Lee</b>	FACEBOOK, REVISTAS E PORTAIS DE NOTÍCIAS			DIGITAL/NÃO ESPECIFICOU
<b>Charles</b>	CLÁSSICOS LITERATURA FICÇÃO CIENTÍFICA	CASA	3 H	DIGITAL/ COMPUTADOR
<b>Molly Bloom</b>	BLOGS E SITES ( <i>FANFICS</i> )	CASA	2 H	DIGITAL/ CELULAR
<b>Clarissa</b>	OBRAS RELIGIOSAS			IMPRESSO
<b>Tom</b>	FICÇÃO BEST SELLERS			IMPRESSO
<b>Daisy</b>	BLOGS, SITES BÍBLIA	CASA E TRABALHO	1 H	DIGITAL/TABLET

Fonte: a autora.

Por meio do mapa acima, é possível que algumas práticas de leitura possam ser mais bem exploradas pelas escolas universitárias, com a utilização de redes sociais para a aquisição de novos leitores ou aperfeiçoamento dos atuais, por exemplo. Os dados mostram, ainda – e são reforçados pelos registros nos diários –, que o local de trabalho é um lugar constante de leitura, bem como a leitura antes de dormir, no computador ou celular, o que reforça a ideia de que as obras são escolhidas por certa influência de grupos ou tribos entre os jovens universitários.

## 5.5 QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram entregues aos alunos no encontro do dia 5 de agosto de 2016, o primeiro da disciplina eletiva, e somente nesse dia. Portanto, teve 14 respondentes (77% do grupo) e 4 faltantes. Abaixo, estão relacionados os comentários pertinentes extraídos das respostas, dados que têm relação com os hábitos de leitura dos sujeitos pesquisados e que, com toda certeza, contribuem para o aumento de repertório e acesso a determinadas obras.

- 100% dos alunos respondentes são solteiros, estão na faixa dos 20 anos, e 43% têm exatos 20 anos;
- 40% têm renda aproximada de três a cinco salários mínimos, 35% acima de sete salários mínimos, um não respondeu, um respondeu que tem a renda familiar de um a três salários mínimos e um respondeu de cinco a sete salários mínimos;
- Nenhum deles é deficiente ou tem mobilidade reduzida;
- 43% deles não costuma viajar nas férias, 50%, sim. Desses, apenas 21% viajam para fora do país; no entanto, a leitura em viagens quase não apareceu entre os estudantes, mais adiante no questionário;
- 57% leem todos os dias, 28% de uma a duas vezes na semana e 14% raramente. Já os índices quanto a lerem “literatura” foram de 21% todos os dias, 64% raramente ou uma vez por mês, 7% de uma a duas vezes na semana, havendo, ainda, uma ocorrência de “li para o vestibular”;
- Para a leitura no computador, 28% responderam que fazem, 21% raramente ou de vez em quando e um respondente disse que não costuma ler no dispositivo. E mais da metade daqueles que leem no computador afirmaram passar até meia hora em tal atividade;
- Quando a leitura é por meio do livro impresso, mais de 35% dos estudantes da pesquisa passam mais de uma hora lendo;
- Com relação aos tipos de leitura, os livros técnicos para formação ou trabalho são maioria, mais de 60%. E 21% afirma ler “literatura”, embora isso não tenha ficado tão evidente nos diários;

- O motivo da leitura entre os estudantes é bem variado, mas a maioria afirmou ler por necessidade, porque precisa conhecer um assunto ou ficar bem-informado. Quando perguntados em que momento liam, eles também afirmaram, em maioria, ler quando precisam saber mais sobre algo, embora o “ler para passar o tempo ou relaxar” também tenha sido citado em algumas respostas;
- 90% afirmou que jamais leria “Cinquenta Tons de Cinza”, e o escritor favorito mais escolhido entre as opções foi Jorge Amado, em empate com “nenhum” ou “não sei, não tenho”;
- 50% disse que “O Código Da Vinci” seria seu livro de cabeceira e 21%, “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. Também foram citadas as obras “1984”, de George Orwell, “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos e “Senhor dos Anéis”, de J.R.R. Tolkien;
- Sobre a editora favorita, houve um empate entre a Rocco e “não sei” ou “não tenho”;
- Quando questionados sobre a leitura em outro idioma, metade afirma ler e metade afirma não ler em outra língua. O inglês é maioria entre os que leem, mas também houve ocorrências de espanhol, francês e italiano. Os alunos comentaram, ainda, que a internet facilita o acesso a obras e a vocabulário para leituras desse tipo;
- O personagem mais marcante entre os estudantes foi Bentinho, de “Dom Casmurro”, mas o cãozinho Marley, de “Marley e Eu” também foi bastante citado.
- A faculdade, o trabalho e meios de locomoção, como carro e ônibus, são os locais onde eles mais leem usando dispositivos móveis.
- Além da leitura, os estudantes vão muito ao cinema ou leem revistas, jornais, blogs e outros na internet em seus momentos de lazer. Considerando o que foi registrado nos diários, provavelmente o item “redes sociais” teria recebido muitas respostas se tivesse constado entre as opções.

Na tabela abaixo, estão os registros dos próprios alunos logo ao início dos encontros e da pesquisa a respeito do último livro que haviam lido. Uma informação que serviu, sobretudo, para situar o trabalho desta dissertação a respeito do histórico e da relação com a leitura desses universitários, bem como validar informações fornecidas por meio dos instrumentos de geração de dados.

Tabela 06 – Relato da experiência do último livro lido (antes dos registros nos Diários de Leituras)

<b>1. Quindim</b>	20 anos, branca, assexual.
<i>“Vozes de Tchernobil” não foi o último livro que eu li, mas certamente foi um dos que mais me marcou pela dramaticidade do conteúdo retratado, elaborado e organizado pela autora em forma de relatos dos sobreviventes da tragédia. O livro me interessou principalmente pela temática e me marcou pela dura realidade retratada, trazendo versões dos fatos que até então eu desconhecia.</i>	
<b>2. Nelsinho</b>	23 anos, branco, homossexual.
<i>O último livro que li foi a biografia de David Bowie, a minha experiência foi conhecer melhor a vida do cantor, fatos relacionados à vida dele que não sabia desde seu nascimento até a produção de seu último álbum (Black Star).</i>	
<b>3. Capitu</b>	20 anos, branca, heterossexual.
<i>O último livro que eu li foi “O Inferno”, de Dan Brown. Este livro me fez pensar sobre coisas as quais eu nunca tinha parado pra pensar, como a superpoluição do mundo, além de me deixar com muita vontade de conhecer a Itália.</i>	
<b>4. Alice</b>	20 anos, negra, heterossexual.
<i>Foi uma leitura que eu já tinha feito anteriormente: “O Pequeno Príncipe”. A experiência que o livro oferece é muito pessoal e depende do momento da sua vida.</i>	
<b>5. Dulcinea</b>	20 anos, branca, bissexual.
<i>“Chá de Sumiço”, Marian Keys. É um livro que narra de forma simples a vida de uma pessoa com depressão. Com ele descobri que eu mesma estava precisando de ajuda. Me identifiquei muito com a personagem.</i>	
<b>6. Emma</b>	20 anos, branca.

<i>O último livro que li por “diversão” sem envolver minha monografia foi “As sete leis espirituais do sucesso”, por insistência do meu namorado. Não gosto de autoajuda e achei as definições de carma muito vagas e pouco aprofundadas.</i>	
<b>7. Emília</b>	20 anos, branca.
<i>Foi “A guerra não tem rosto de mulher”, de Svetlana Alexijevich. Ajudou a entender a visão feminina da Segunda Guerra Mundial e a compreender melhor as contribuições e percepções da mulher em um cenário de conflito.</i>	
<b>8. Pollyanna</b>	22 anos, branca, heterossexual.
<i>Li “O Oceano no fim do caminho”, de Neil Gaiman e pude refletir sobre a infância e o impacto das palavras de um adulto em uma criança.</i>	
<b>9. Escobar</b>	26 anos, branco, heterossexual.
<i>“Capitães de Areia”, do Jorge Amado. O respeito às classes sociais, mostra que a vida das pessoas depende de muitas coisas, exemplos: local, classe social, me ensinou respeitar as pessoas carentes.</i>	
<b>10. Santiago</b>	23 anos, branco, heterossexual.
<i>Preencheu o questionário, mas não respondeu à pergunta.</i>	
<b>11. Macabéa</b>	19 anos, branca, heterossexual.
<i>O último livro que li foi “Feliz por nada”, da autora Martha Medeiros. Um livro pequeno, rápido de ler, mas que aborda vários acontecimentos sobre o cotidiano de uma forma esclarecedora, fazendo com que o leitor reflita sobre como podemos “enfrentar” a vida sem complicá-la.</i>	
<b>12. Lola</b>	22 anos, branca, heterossexual.
<i>O último livro que eu li foi “Moda - uma filosofia”, e foi bastante informação adquirida, sobre coisas históricas, artísticas e contemporâneas do mundo da moda. É um assunto que particularmente me agrada muito então a experiência foi boa.</i>	
<b>13. Annabel Lee</b>	22 anos, negra, heterossexual.
<i>Não respondeu ao questionário.</i>	
<b>14. Charles</b>	20 anos, branco, bissexual.

<i>Tive uma experiência introspectiva com o livro, refletindo sobre minhas relações.</i>	
<b>15. Molly Bloom</b>	22 anos, branca, heterossexual.
<i>Não respondeu ao questionário.</i>	
<b>16. Clarissa</b>	22 anos, branca, heterossexual.
<i>Não respondeu ao questionário.</i>	
<b>17. Tom</b>	20 anos, branco, homossexual.
<i>Não respondeu ao questionário.</i>	
<b>18. Daisy</b>	19 anos, branca, heterossexual.
<i>O último livro que eu li foi um livro religioso e acrescentou na minha fé e conhecimento.</i>	

Fonte: a autora.

As duas últimas perguntas do questionário diziam respeito à disciplina eletiva e não acrescentam informações para essa pesquisa de hábitos de leitura, embora possam ser úteis para outros fins.

Conforme já mencionado, os dados gerados na *fanpage* não tiveram o êxito esperado, considerando que a organização comercial do Facebook limita o acesso de usuários da rede às postagens sem que haja investimento publicitário (*Facebook Ads*). Por isso, seria necessária uma nova tentativa de criação da página, com algum tipo de estratégia de divulgação midiática para que os textos, imagens e vídeos postados pudessem chegar ao público esperado e, assim, obter retorno suficiente para a geração de dados qualificados. Da mesma forma, o grupo criado para interação com os alunos da disciplina eletiva não foi suficientemente alimentado, tornando-se superficial e elementar para qualquer tipo de análise.

## 5.6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir da revisão bibliográfica realizada para esta pesquisa e dos dados coletados, foram elencadas **quatro categorias de análise** nesta dissertação no que diz respeito aos hábitos de leitura do jovem universitário atual. Por meio dessas categorias, é possível que se conheça melhor as práticas leitoras desses indivíduos, gerando-se, assim, posteriormente, uma *persona* do leitor da cibercultura.

**1) O leitor da cibercultura em relação ao leitor pré-cibercultura:** Freire (2011, p.70) afirma que “quando aprendemos a ler e a escrever, o importante é aprender também a pensar certo”. Chartier (1999, p.91), entretanto, diz que “cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular”. Sob esses aspectos, o leitor da cibercultura diferencia-se do leitor pré-cibercultura a partir da busca constante por narrativas que permitam uma continuação, em uma *fanfic*, a exemplo, ou sobre a qual seja possível pesquisar e dialogar na *web*. Para esse leitor, o momento e “o lugar da leitura” não devem estar “separados dos lugares do divertimento mundano” (CHARTIER, 1999, p.78), exatamente como afirma o autor. O jovem leitor universitário lê onde quer e onde lhe convém, utilizando para ler, inclusive, os artefatos e dispositivos eletrônicos ícones da cibercultura, como computadores, *tablets* e *smartphones*, quando encontra tempo para isso entre as várias outras tarefas que realiza ao mesmo tempo. Não é um leitor nem melhor e nem pior, é apenas um leitor mais autônomo em sua definição, é dono de seu tempo e de suas escolhas, entre as quais muitas vezes a leitura fica em segundo ou terceiro planos, tamanhas as outras ofertas de consumo e entretenimento apresentadas pelas mídias. De acordo com Chartier (2002), hoje todos os textos (livros, revistas e outras formas de leitura) são lidos no mesmo lugar: a tela do monitor; a afirmação não é reforçada pela análise dos dados desta pesquisa, que mostra que muitas obras ainda são lindas via meios impressos;

**2) O leitor consumidor do livro como mídia:** conforme mencionado acima, de acordo com os dados gerados pela pesquisa os jovens universitários ainda leem muito o livro impresso, considerando seu aspecto físico importante para tal atividade. De acordo com os atributos de Poe (2011), o livro impresso é uma mídia mais difícil de ser levada de um lado a outro como o livro digital, que pode estar armazenado no celular, em um *tablet* ou no próprio *notebook*. Esses dispositivos acompanham o indivíduo aonde ele vai, por isso, a utilização do livro digital para alguns fins poderia ter mais êxito na aquisição e manutenção de leitores, especialmente no contexto universitário ou de livros voltados ao aperfeiçoamento profissional. Dessa forma, “a revolução do livro eletrônico é uma revolução na estrutura do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler”, conforme afirma Chartier (1999, p.13), teoria que pode ser confirmada pelas experiências de leitura dos sujeitos pesquisados para a confecção desse trabalho.

De acordo com Poe (2011, p.99), “a velocidade de um meio é determinada sobretudo pela velocidade com a qual as mensagens podem ser criadas e transmitidas”. Assim, livros impressos e eletrônicos possuem uma velocidade moderada, visto que podem depender da capacidade de produção criativa do autor, o que pode levar mais tempo do que os processos de transmissão, como a editoração, a impressão, a distribuição e a divulgação, sobretudo se forem digitais, na qual a velocidade de transmissão ao leitor é muito rápida. A impressão, entretanto, pode ser um veículo de baixa velocidade, é mais rápido produzir mecanicamente um *e-book* ou livro eletrônico do que adquirir os equipamentos necessários para produzi-lo e imprimi-lo. Para os jovens da cibercultura, que têm rápido e fácil acesso a muitas obras, a escolha pelo digital pode acabar sendo mais rápida e fácil, ainda que para isso a escolha de uma obra fique em segundo plano – e a leitura ocorra a partir de obras que estão acessíveis naquele momento.

**3) O leitor como consumidor de cultura:** já citado no segundo capítulo dessa dissertação, para Abreu (2004, p.19) os livros que lemos ou não lemos expressam opiniões sobre nós e estabelecem um status à nossa imagem social.



Aqueles que almejam obter o reconhecimento de uma imagem de erudição, certamente irão dizer que já leram obras de Machado de Assis ou James Joyce, ainda que tenham lido “Dom Casmurro”, sem qualquer deleite, e tenham gostado muito mais de “O Alquimista”, de Paulo Coelho. O jovem leitor da cibercultura, acostumado a receber informações sobre cultura e entretenimento o tempo todo por meio das mídias – digitais, impressas ou eletrônicas – acostumou-se a receber desses locais a indicação para suas escolhas de lazer e, quando escolhe a leitura, também acaba por definir obras que tenham sido de alguma maneira midiáticas, como *best sellers* e biografias de artistas, músicos e outras personalidades de destaque.

**4) O leitor como indivíduo em busca de uma identidade:** Hall (1997) relata que as identidades estão cada vez mais descentralizadas e fragmentadas nos tempos atuais, fruto da migração de povos, dos intercâmbios culturais e da “globalização”. Os dispositivos tecnológicos e a internet permitem que essas trocas sejam realizadas, ao mesmo tempo em que contribuem para essa crise nas identidades. Santaella (2007) afirma, no entanto, que “a multiplicidade identitária não existe só no ciberespaço”, mas que o livro e a leitura nesse contexto contribuem na construção e no firmar de uma identidade a qual o sujeito está à procura, pois “é através da linguagem que o ser humano adquire significância cultural” (SANTAELLA, 2007, p.106). O jovem leitor da atualidade quer pertencer a determinados grupos e suas escolhas de leitura podem contribuir nesse pertencimento e nessa construção do ser. Ao optar por esta ou aquela obra, poderá ser visto como deseja e, assim, ser aceito pelos indivíduos que melhor representam sua identidade.

### 5.6.1 *Persona*: como é o leitor da cibercultura?

Longe de ser o leitor-modelo, já descrito por Eco (1991), a ideia nesse item é propor uma *persona leitora* da cibercultura. *Persona*<sup>8</sup> é um conceito de

---

<sup>8</sup> *Persona* também é uma expressão utilizada pelas marcas para criar postagens dirigidas a um determinado tipo de público-alvo em redes sociais, que tem suas características definidas e espelhadas em uma *persona* ou *buyer persona*.

Jung (2008), que significa “máscara”, ou seja, uma espécie de papel que interpretamos para sermos vistos pelos outros da forma como desejamos, com a máscara e perfil que queremos, ainda que este indivíduo não seja verdadeiro.

Quem é e como lê esse jovem estudante universitário em tempos de internet, dispositivos móveis e redes sociais? Esse leitor, que aqui chamaremos de **Ciberleitor**, ainda lê livros impressos, mas para isso prefere os *best sellers* ou obras midiaticizadas, ou seja, que recebem ampla divulgação em meios de comunicação, incluindo os digitais. O livro físico, como dito acima, ainda é o mais procurado e preferido para leituras de lazer e divertimento, leituras mais demoradas. O **Ciberleitor** também gosta muito de blogs e portais, aos quais chega muitas vezes por meio das redes sociais, com destaque para o Facebook. Ele ainda está descobrindo *apps* de leitura, bem como dispositivos móveis voltados à prática; mais do que isso, lê em meios digitais pela facilidade que eles oferecem, por estarem com eles o tempo todo, como se fossem uma parte do corpo.

O **Ciberleitor** é, ainda, um leitor que busca – por meio das obras escolhidas – conhecer a si mesmo e compreender os fenômenos e causas do seu tempo, principalmente aquelas em que acredita e as quais defende. Constrói sua identidade por meio das leituras que faz, ao mesmo tempo em que se vê sem identidade pelo universo de informações a que é submetido diariamente nas suas relações reais e virtuais. É, por isso, um leitor engajado, muitas vezes angustiado e ansioso com o que está por vir em termos de seu futuro no mundo da vida, ao seu redor; quem sabe a leitura de determinadas obras possa ajudá-lo nisso.

O **Ciberleitor** passa, em média, de meia a uma hora por dia em suas leituras, geralmente antes de dormir, concentrando maior parte desse tempo a leituras rápidas, de entretenimento e socialização. Também lê para se informar ou para conhecer um determinado assunto, o que, na verdade, significa para ele ser aceito e amado em determinados grupos.

É um leitor “descanonizado”, ele mesmo quer definir seu cânone, suas obras mais importantes ou mais importantes diante de seus ambientes sociais e digitais. Não aceita que imponham a ele apenas a “biblioteca imaginária coletiva”,

quer ter sua própria, ou a de seu próprio grupo. Talvez precise descobrir que grandes clássicos da literatura podem ajudá-lo a compreender todas as mudanças das quais vem participando, já que é um nativo e não um naturalizado da internet; cinema, música e arte em geral são portas de entrada para a formação do novo cânone literário dessa geração, que vez ou outra gosta de ler em outro idioma – metade dos jovens que participaram da pesquisa costuma ler em outro idioma, geralmente o inglês. A internet, afinal, abriu todas as fronteiras a que ele precisava para ter acesso a outras histórias e culturas; um livro, no mínimo, precisa oferecer isso a ele, que tanto já conhece e já sabe.

O **Ciberleitor** gosta de biografias, de histórias com as quais pode se entender melhor, se identificar. Mais do que isso: quer participar da história, sentir-se parte dela, escolher o final, os personagens, fazer parte do trabalho de produção da obra, isso explica também o enorme sucesso das *fanfics* entre esses jovens. É um leitor que não quer ser ignorado ou subestimado. A linguagem da obra deve ser a sua linguagem, deve conversar com seus anseios, medos e brios. Ele é, por fim, alguém disposto a aprender, desde que esse aprendizado não infrinja seus próprios valores e crenças, nem sua relação de pressa, de que não tem tempo, pois, como afirmou Compagnon (2010, p.142), “o leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro”.

Esse novo leitor algumas vezes é religioso – pertence a tal tribo, tanto na doutrina que segue quanto nas suas próprias atitudes ou atitudes de seu grupo. Ele não pode perder tempo, quer ler rápido, aprender rápido, conhecer rápido. Quer estar em mais de um lugar ao mesmo tempo – enquanto lê, checa e-mails, *WhatsApp*, Facebook, Instagram e vários outros pontos digitais de interesse. “Eu leio”, ele diria, “mas preciso receber algo em troca”, seja em termos de aprendizado ou *status quo*.

Com relação ao gênero, é provável que as mulheres leiam mais do que os homens, dada a procura destas pela disciplina eletiva e também analisando suas práticas leitoras por meio dos diários e do questionário. Se pudesse ser apenas um, o **Ciberleitor** talvez fosse uma mulher, branca, defensora de causas como o feminismo, que teria como livro favorito um misto de obra de Machado

de Assis como algum *best seller* ou biografia de alguém famoso nas redes sociais, alguém que tivesse algo a dizer.

De acordo com essa pesquisa, o **Ciberleitor** é, em partes, parecido com o jovem estudante que chega à universidade nos dias de hoje: está disposto a aprender, mas apenas aquilo que acha que não sabe.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande questão atual sobre “os jovens estão lendo?” deve ser substituída por “o que os jovens estão lendo?”. Estamos diante de uma geração “descanonizada”, isto é, que lê, sim, com exceções e com um jeito próprio de interagir com gêneros e obras. Que lê, sim, mas que não lê (apenas) aquilo que o cânone – instituições de ensino, governo e outras formas de autoridade – instituem. E, sim, aquilo que considera interessante a partir de seus valores e de seu tempo, envoltos em questões políticas, de gênero, da mídia, entre outras. Nossos jovens leem, é verdade. Muitos cultivam o hábito da leitura quase que diariamente, no entanto, não necessariamente leem as obras que foram destinadas ao vestibular ou promovidas na escola. Talvez o cânone desse novo leitor seja a mídia ou, mais especificamente, as redes sociais e seus grupos.

Com o fim dessa pesquisa, é possível afirmar que o objetivo geral e os objetivos específicos propostos foram devidamente cumpridos. O perfil socioeconômico desses estudantes tem relação com suas práticas de leitura na cibercultura, uma vez que o acesso a viagens, bem como a outros programas culturais contribui de forma significativa para o acesso a obras e, sobretudo, a dispositivos móveis de qualidade melhor para uma navegação na internet – e mesmo esta, em termos de conexão, ainda deixa a desejar para aqueles que não têm tantos recursos.

As práticas de leitura dos estudantes também foram examinadas em termos horários, dias, locais e utilização ou não de plataformas físicas ou móveis, de forma que foi possível concluir que o uso do livro impresso continua para alguns, e o computador ainda é o meio mais utilizado para a leitura “digitais” desses jovens.

Foram verificados, ainda, seus hábitos de leitura além do livro ou *e-book*, incluindo outros ambientes virtuais ou impressos, como blogs, portais e revistas, por exemplo. E, sim, o jovem universitário que navega diariamente pelas redes sociais lê revistas, tanto impressas quanto digitais, as quais chega muitas vezes por meio dos próprios ambientes da *web*. O *homo lector* está nas redes sociais, como Facebook, Instagram, entre outras – e nos *apps*, ainda que de forma

incipiente – onde pode fazer parte de grupos e ser aceito por suas escolhas de leitura, por aquilo que mostra ou diz ler, onde pode buscar a concretização de sua identidade, conhecendo um pouco mais a ele mesmo. Essa busca pela identidade, aliás, é outro fator importante em suas escolhas de leitura.

Quanto à história do livro, é natural que a evolução do códex tenha impacto na mudança de leitura em muitas gerações ao longo dos tempos, como tem na atual, da cibercultura. O livro impresso continuará, de acordo com essa pesquisa, tendo sua importância, mais ainda considerando as leituras densas e mais demoradas ou leituras técnicas, à procura de informações de trabalho ou estudos. Uma solução, inclusive, pode ser a possibilidade de que obras – talvez clássicos da literatura – estejam mais disponíveis fisicamente tanto quanto estão hoje os celulares, tão à mão desses estudantes, dentro e fora de sala de aula, no ônibus, no carro, em viagens ou momentos de lazer. A biblioteca não faz parte desse repertório, quase não apareceu nos registros dos *Diários de Leitura*, ao menos não da forma tradicional como se configura ainda nos dias de hoje.

Os jovens universitários da cibercultura consomem cinema, teatro, revistas, jornais, blogs e portais e isso tem impacto direto na forma como leem, no que leem e no tempo que passam lendo. A arte e a cultura na pós-modernidade, tão ligadas a causas e fenômenos desse tempo, levam o estudante a querer compreender melhor o seu mundo, muitas vezes incitando a prática da leitura, além de determinadas obras e contextos.

Quanto à disciplina eletiva, esta mostrou que existem alunos com vontade de ler mais e melhor, de conhecer o cânone – ainda que não compreenda exatamente por que deve segui-lo – e que a literatura tem um caminho pouco menos tortuoso do que parece sugerir a modernidade. Existe a curiosidade, existe a latência da vontade de ler aquilo que hoje se chama de *literatura*. Existe a ânsia por conhecer obras clássicas e existe também o *status quo*, aquilo que sou ou quero parecer ser por meio das minhas leituras. Ao passo em que a mídia “rouba” esses jovens para seus seriados e grandes produções, ela também revela astros e estrelas que levam esse mesmo jovem a ler biografias de músicos, originais adaptados à cinematografia e outras histórias providas do sensacionalismo.

A experiência de conviver com esses estudantes foi frutífera no sentido de gerar novas fontes de pesquisa e também inquietações quanto ao hábito de ler do jovem brasileiro – e paranaense. A *persona* do **Ciberleitor** pode, futuramente, ser testada em outras disciplinas universitárias ou até mesmo entre gerações ainda mais jovens para futuras produções científicas. E os dados aqui apresentados podem ser comparados a pesquisas posteriores ou mesmo antigas que apresentem perspectivas semelhantes.

Houve, ainda, grande contribuição de todas as disciplinas cursadas durante o programa de mestrado, entre elas, Interfaces entre Linguagem e Tecnologia, Cultura das Mídias, Literatura em Meios Digitais, Estética e Análise Midiática, Pesquisa Aplicada ao Estudo de Linguagens e Modernidade e Modernização, que proporcionaram aprendizados intensos e, sobretudo, o acesso a obras muito importantes para a produção dessa dissertação.

Como sugestão para novos estudos, ficam: 1) a análise de hábitos leitores de professores universitários; 2) de hábitos de leituras voltados apenas ao ambiente digital, incluindo o uso de dispositivos como *tablets*, *kindle*, *smartphones* ou mesmo as redes sociais, entre outros; 3) a análise da identidade do leitor *versus* como ele é retratado em obras literárias contemporâneas; 4) assim como uma nova revisão bibliográfica de estudos sobre leitura e leitor, considerando o desafio dessa dissertação de sintetizar os autores, definindo aqueles que melhor se enquadrassem na proposta.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**. Literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

AGUILHAR, Ligia. **A história do Instagram em 10 fotos**. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/geral,a-historia-do-instagram-em-dez-fotos,10000030372>> Acesso em: 20 de junho. 2016.

BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. / Martin W. Bauer, George Gaskell (orgs.); tradução de Pedrinho A. Guareschi. – 13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. In: Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRIGGS, Asa. 1921. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Asa Briggs e 2.ed. Peter Burke; tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. — 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BURKE, Peter (*Organizador*). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet – Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zattar Editora, 2003.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CHARTIER, Roger. **Os Desafios da Escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. 2.ed - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CUNHA, Joana. **Mercado de livros digitais não decola no Brasil e estagna nos EUA e Europa**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/04/1759174-mercado-de-livros-digitais-nao-decola-no-brasil-e-estagna-nos-eua-e-europa.shtml>> Acesso em: 9 de janeiro. 2017.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. eBooksBrasil.com, 2003. [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia).



ECO, Umberto. **Memória vegetal e outros escritos sobre bibliofilia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

ELIOT, T. S. **A função da crítica**. In: Ensaios. Tradução Ivan Junqueira. São Paulo: Art Editora, 1989.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 51.ed – São Paulo: Cortez, 2011.

GOMES, Tamiris. **Conheça 5 booktubers brasileiros e tenha dicas bacanas de leitura**. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/dica-digital/indicacao/conheca-5-booktubers-brasileiros-e-tenha-dicas-bacanas-de-leitura/>> Acesso em 9 de julho. 2016.

GUNELIUS, Susan. **Marketing nas redes sociais em 30 minutos**: manual prático para divulgar seus negócios pela internet de modo rápido e gratuito. São Paulo: Cultrix, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 1997.

JUNG, C.G. (2008). **Fundamentos de Psicologia Analítica**. Petrópolis, Vozes. Rafael de Carvalho Oliveira.

KEEN, ANDREW. **O Culto do Amador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade entre o moderno e o pós-moderno. Tradução Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo, Ed. 34, 1999.

LIMA, C. Luiz. **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. Hans Robert Jauss...et al; coordenação e tradução Luiz Costa Lima. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIPOVETSKY, Gilles. **A Estetização do Mundo**. *Viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MANS, Matheus. **Booktubers fazem sucesso na web com vídeos sobre livros de papel**. Disponível em: <<http://link.estadao.com.br/noticias/geral,booktubers-fazem-sucesso-na-web-com-videos-sobre-livros-de-papel,10000029253>> Acesso em 9 de julho. 2016.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MANSUR, Bia. **Youtubers criam canais de literatura e incentivam novos leitores na internet.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/09/youtubers-criam-canais-de-literatura-e-incentivam-novos-leitores-na-internet.html>> Acesso em 10 de julho. 2016.

MINAYO, S. M. Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade /** Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 34. ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOISÉS, Perrone Leyla. **Texto, crítica, escritura.** São Paulo: Ática, 1978.

NETO, Leonardo. **Vendas de livros em janeiro de 2016 crescem 15% em comparação ao mesmo período de 2015.** Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/materias/2016/03/07/vendas-de-livros-em-janeiro-de-2016-cresce-15-em-comparao-ao-mesmo-perodo-de-2015>> Acesso em: 9 de janeiro de 2017.

NOGUEIRA, Mariana. **Kéfera empata com Machado em lista de autores.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/kefera-empata-com-machado-em-lista-de-autores-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em: 29 de junho. 2016.

**Número de leitores no Brasil sobe 6 pontos percentuais entre 2011 e 2015.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/numero-de-leitores-no-brasil-sobe-6-entre-2011-e-2015-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em: 11 de julho. 2016.

PAZ, Octavio. **A nova analogia: poesia e tecnologia.** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

PESCHEL, Sabine. **Como os booktubers estão mudando o mercado literário.** Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/como-os-booktubers-estao-mudando-o-mercado-literario-4062.html>> Acesso em 11 de julho. 2016.

PINTO, P. Júlio, 1964. **A leitura e seus lugares.** São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

POE, T. Marshall. **A History of Communicaton: Media and society from the Evolution of Speech to the Internet.** Cambridge, 2011.

RAGAZZI, Victoria. **5 booktubers que você precisa conhecer.** Disponível em: <<http://atrevida.uol.com.br/divirta-se/se-liga/5-booktubers-que-voce-precisa-conhecer/10015#>> Acesso em 9 de julho. 2016.

RASMUSSEN, Bruna. **O que é Instagram?** Disponível em: <<http://canaltech.com.br/o-que-e-instagram/o-que-e-instagram/>> Acesso em: 20 de junho. 2016.

SANTA, Everton Vinícius de. A literatura em meio digital e a crítica literária. **Hipertextus**, Florianópolis, v. 7, n. 7, p.1-13, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.hipertextus.net>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, Rafael. **Instagram endurece regras sobre assédio, nudez e direitos autorais**. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/176805/instagram-diretrizes-assedio-nudez/>> Acesso em: 27 de junho. 2016.

SILVA, Ricardo. **21 perfis no Instagram para quem ama livros**. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/4895-21-perfis-do-instagram-para-apaixonados-por-livros/>> Acesso em: 22 de junho. 2016.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Iniciação aos Estudos Literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TOURAIIS, Nathália. **10 perfis no Instagram para quem ama livros**. Disponível em: <<http://www.guiadasemana.com.br/artes-e-teatro/noticia/10-perfis-no-instagram-para-quem-ama-livros>> Acesso em: 22 de junho. 2016.

## APÊNDICE A

### A ESTETIZAÇÃO DA LEITURA

Nos idos de 1960, o artista pop Andy Warhol afirmou que “um dia todos teriam os seus 15 minutos de fama”. Hoje, vemos a concretização da profética frase com as redes sociais e seu uso frenético por jovens de todo o mundo, o tempo todo. Há pouco mais de 20 anos (VIANNA, 2014), a internet tomou conta da forma como as pessoas se comunicam, se relacionam e realizam diversas outras atividades todos os dias; e esses dados vêm aumentando ano após ano, em sintonia com o aumento do acesso à rede mundial de computadores – bem como com o uso de dispositivos móveis, tais quais celulares, *tablets* e *smartphones*.

Nesses ambientes da tecnologia e da virtualidade, sobretudo nas redes sociais, todos postam o que querem e podem, com isso, consideram-se pessoas privilegiadas, especiais, quase celebridades em seu meio cultural. Segundo Lévy (2010), as tecnologias digitais surgiram para ser uma infraestrutura do ciberespaço, um local para comunicação, sociabilidade, entre outras atribuições. E, de fato, é disso que elas se fazem:

Os novos modos de comunicação e de acesso à informação se definem por seu caráter diferenciado e personalizável, sua reciprocidade, um estilo de navegação transversal e hipertextual, a participação em comunidades e mundos virtuais diversos etc. [...] O termo ‘ciberespaço’, em contrapartida, indica claramente a abertura de um espaço de comunicação qualitativamente diferente daqueles que conhecíamos antes dos anos 80 (LÉVY, 2010, p.193).

Em 2014, o CETIC, órgão vinculado ao Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Nic.br), registrou, por meio de uma pesquisa realizada entre outubro de 2014 e março de 2015, em 19 mil domicílios, localizados em mais de 350 municípios de todo o Brasil, que 50% desses lares estão conectados à internet, o que equivale a um número de 32,2 milhões de residências. Em 2013, esse mesmo índice era de 43%. O crescimento também se deu devido à inclusão, na pesquisa, de lares conectados à internet por meio

do celular, índice que vem igualmente crescendo. Outro dado importante retirado dessa pesquisa é que em 2014, 148,2 milhões de pessoas já tinham acesso ao aparelho celular e, de acordo com a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), mais de 281,1 milhões de linhas estavam ativadas, o que significa uma densidade de 138 conexões móveis a cada 100 habitantes. Todos esses acessos, somados à realidade midiática vivenciada, torna inevitável afirmar que há certo impacto no consumo de cultura em todas as gerações nas quais estão presentes e enraizadas essas tecnologias, tudo isso embalado em um invólucro de estilo e beleza.

De acordo com Lipovetsky, hoje nada mais escapa à sedução, tudo deve produzir efeitos visuais e emocionais; e a leitura via dispositivos móveis, em especial entre as gerações nativas do “continente internet”, não escapa à tal categorização. Resta saber qual é o alcance dessa potencialização do estético, principalmente no que diz respeito à leitura, aos leitores e às práticas comuns entre as pessoas nascidas sob a égide de uma nova tecnologia, após o advento e crescimento da *web*. Para Debord (2003), “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens”, o que vem a retratar a própria essência do *Instagram*. Basta considerar que qualquer pessoa que tenha um perfil nessa rede deseja, antes de tudo, postar imagens, quaisquer que sejam seus outros objetivos para tanto (CANALTECH, 2016).

Neste sentido, a discussão sobre uma cultura de linguagem predominante deste grupo, quando conectados a esta rede especificamente, torna-se inócua, afinal, não há uma disputa por espaço de linguagem entre imagem, som e verbo. Há apenas a imagem e, portanto, apenas ela comunica. Em oposição a isso, e por isso a necessária circunscrição do grupo naquela rede social, a rede Amazon depois de investir um capital enorme no Kindle, voltará a investir no livro impresso (Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/02/1857548-amazon-volta-a-investir-em-livro-impresso-e-abre-ate-livraria.shtml>. Acesso em 10/02/2017). Desta forma, o livro, por assim dizer, pode até mesmo ser considerado mais como uma mercadoria do que como um objeto de valorização à cultura. <http://www1.folha.uol.com.br/mercado>

[/2017/02/1857548-amazon-volta-a-investir-em-livro-impresso-e-abre-ate-livraria.shtml](#). Acesso em 10/02/2017).

É pelo princípio do fetichismo da mercadoria, a sociedade sendo dominada por coisas “suprassensíveis embora sensíveis”, que o espetáculo se realiza absolutamente. O mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existem acima dele, ao mesmo tempo em que se faz reconhecer como o sensível por excelência. O mundo ao mesmo tempo presente e ausente que o *espetáculo apresenta* é o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido (DEBORD, 2003, p.29).

A cibercultura vem transformando os conceitos sobre leitura e sobre a relação desta com o mundo. Prova disso são os inúmeros perfis, em redes sociais diversas, voltados à literatura, à leitura e ao leitor. Neste trabalho, foram analisados alguns perfis da rede social *Instagram* voltados a esse fim, com o intuito de compreender até que ponto esses jovens se preocupam mais em postar e mostrar o que leem, do que com aquilo que leem efetivamente. A partir da definição desses perfis, bem como da construção de um breve histórico com a essência da criação dessa rede social, foi realizada a análise de alguns posts a fim de que fosse possível respondermos à questão: há uma estetização e uma espetacularização da leitura na rede social *Instagram*?

## O CIBERESPAÇO E A REDE SOCIAL *INSTAGRAM*

Nas redes sociais, o perfil do usuário é constituído a partir das informações que cada um dispõe e onde é possível postar vídeos, fotos, comunicar-se com as pessoas e realizar muitas outras atividades (GUNELIUS, 2012), o que complementa a lógica do advento do mercado absoluto de Lévy. Para este autor, o ciberespaço tem vocação para a compra e venda de todo o tipo de mensagens, informações, programas, imagens e jogos, mais ou menos como funcionam os aplicativos nas versões *IOS* ou *Android*, voltados aos mais diversos tipos de usuários, vistos, então, como consumidores. Ainda que a rede social *Instagram* não seja paga pelos usuários – o *app* é gratuito e pode ser baixado por qualquer um, ela pode configurar um espaço para anúncios publicitários e todo o tipo de exploração da lógica capitalista de consumo.

Se Bill Gates, com outros, interpreta o ciberespaço como um shopping center em escala mundial concluindo o último estágio do liberalismo econômico, é evidentemente porque vende ferramentas de acesso ao supermercado virtual bem como os instrumentos de transações correspondentes (LÉVY, 2010, p.193).

Para Santaella (2007, p. 289), a venda das revistas e jornais e o consumo via pagamento do cinema por espectadores, bem como a publicidade no rádio e na televisão, só aumentou a “arena para a circulação da imagem por trás das quais se oculta o fetichismo das mercadorias”. O *Instagram* é uma rede social que consiste basicamente na postagem de fotos (CANALTECH, 2016), sem que haja qualquer forma de moderação, independentemente do assunto tratado, exceto pornografias e outros conteúdos considerados impróprios (TECNOBLOG, 2015). Ao criar um perfil nessa rede, o usuário, então *administrador*, pode seguir outros perfis e também ter seguidores; e quanto mais seguidores, mais popularidade na rede social.

Dessa rede cada vez mais densa de signos visuais resultou a chamada “era da imagem”, que já teve início desde a invenção da fotografia, intensificando-se crescentemente no decorrer do século XX, com o cinema, TV, vídeo, holografia e imagens computacionais. (SANTAELLA, 2007, p.289).

Na chamada “era da imagem”, uma rápida busca de perfil voltado à literatura no *Instagram*, indicou que o número total de perfis com o tema *leitura*, *leitores*, *literatura*, *livros* e outras palavras da mesma rede semântica, é quase impossível de ser catalogado, tamanha a quantidade e desdobramentos que apresenta. No caso de um perfil dedicado à poesia, há fotos de poemas em papel ou em programas, que possui mais de um milhão de seguidores. As capas dos livros e as frases de efeito retiradas de clássicos da literatura universal também compõem esse inventário de cultura em uma nova plataforma, juntamente com dizeres motivadores e frases de autoajuda. Outro aspecto interessante é que alguns perfis dedicados à literatura e à leitura inserem fotografias de espaços descritos em produções literárias canônicas, sejam estes espaços idílicos ou urbanos, mas sempre “inspiradores”. Vimos que a função poética de Roman Jakobson é subvertida e sua estreita relação com a mensagem já não respeita

mais a preocupação metalinguística que tal função possui: agora, um verso é colocado ao lado de um boneco de estimação ou daquele doce preferido no momento do registro fotográfico.

Neste sentido, os postulados de Gilles Lipovetsky sobre a estetização do mundo no capitalismo artista são de grande utilidade para percebermos que a literatura, e por extensão de sentido a arte, participa dessa lógica instantânea de almejar um padrão de beleza e/ou de aceitação. Se na era moderna há uma espécie de oposição entre “a arte e o comercial, a cultura e a indústria, a arte e a diversão, o puro e o impuro, o autêntico e o kitsch, a arte de elite e a cultura de massa, as vanguardas e as instituições” (LIPOVETSKY, 2015, p. 21), a arte possui uma função sacrossanta de elevar a miserabilidade do homem, papel este similar ao da religião em tempos anteriores, que, o próprio autor destaca, divide espaço com uma “arte revolucionária, ‘para o povo’, uma arte útil que se faça sentir nos menores detalhes da vida cotidiana para o bem-estar da maioria” (LIPOVETSKY, 2015, p. 24).

No entanto, o autor detalha o que chama de “era transestética”, momento em que ocorre uma “estetização do mundo”. Esse universo, também chamado por Lipovetsky (2015, p.27) de transestético, faz com que a arte esteja presente na indústria, no comércio e no cotidiano:

Os objetos usuais são penetrados por estilo e look, muitos deles se tornam acessórios de moda. Os designers, os artistas plásticos, o criadores de moda são convidados a redesenhar a aparência dos produtos industriais básicos e dos templos do consumo. As marcas de moda para o grande público copiam os códigos do luxo. As grandes lojas, os hotéis, bares e restaurantes investem num trabalho de imagem, de decoração, de personalização de seus espaços. O patrimônio é reabilitado e montado à maneira dos cenários cinematográficos. O centro das cidades é figurinizado, cenografado, “disneyficado” tendo em vista o consumo turístico. [...]

Qual a relação dessa estetização do mundo com as postagens individuais no *Instagram*? Conforme descrito anteriormente, há um insistente trabalho de customização das fotos postadas na rede social. Tal preocupação transcende a relação de entendimento que se pressupõe entre sujeito e objeto, leitor e livro. O livro, também reconhecido como um símbolo de cultura e intelectualismo, adorna uma foto e é postado no “Insta” como objeto de legitimação pela rede de contatos



constituída no perfil daquele indivíduo. Este livro, também objeto estético, enfeita a prateleira fotografada de conhecimento adquirido, ao mesmo tempo em que estetiza o cotidiano do indivíduo. Por último, estimula “em incitar os consumidores a comprar pelo prazer, a se divertir, a dar livre curso a seus impulsos e a seus desejos, a descobrir o prazer de mudar seu cenário de vida, [...]” (LIPOVETSKY, 2015, p. 48).

Para Paz (1991), a própria noção de obra de arte não é fixa. Essa visão, somada à realidade midiática que cultua a imagem – e à própria imagem do indivíduo, cria em todos a sensação de *ser e estar* artista, ainda que em um perfil na rede social. O autor mexicano indica que a modernidade tem como imagem “um mundo sem imagem”, o que se reflete na busca incessante pelo estético observada em redes sociais predominantemente imagéticas como o *Instagram*.

[...] sobretudo depois de Marcel Duchamp e seus *ready-made*. O gesto de Duchamp também foi uma subversão, mas, diferentemente dos outros artistas, não tinha como objetivo a conversão do objeto, e sim sua reversão: um ato crítico destinado a demonstrar a inanidade das obras de arte enquanto objetos. (PAZ, 1991, p.324).

Tal lógica também é revista no chamado capitalismo artista. As características mais gerais a respeito do capitalismo artista de Lipovetsky (2015) trazem quatro pontos: 1) o modo de produção é marcado pela beleza e espetáculo, pela emoção e *entertainment*, sempre em busca da conquista de mercados; 2) a arte não mais constitui um mundo à parte, ela está inserida na lógica mercantil, com vistas à competitividade e rentabilidade; 3) a estética não mais ocupa uma esfera marginal e, sim, grandes grupos; 4) a oferta estética incita os consumidores a comprarem por prazer, a se divertirem, a descobrirem o prazer de mudarem seus cenários de vida, assim, o consumidor é elevado ao grau de consumidor transestético ilimitado.

Em complemento às ideias de Lipovetsky, o espetáculo de Debord trata da "afirmação onipresente" das escolhas de consumo do indivíduo, caracterizando-se pelo "momento em que a mercadoria chega à ocupação total da vida social" (DEBORD, 2003, p.32), isto é, o sujeito passa a construir para si e para o mundo essa aparência fetichista do *sistema espetacular*.

Em redes sociais como o *Instagram*, leitores e editoras estão lado a lado, buscando seu espaço de sedução e beleza. O usuário tem agora o poder de colocar sua própria imagem, sua vida pessoal e seus objetos de conquista e consumo em um pedestal voltado a todos os olhares, inclusive o das marcas e do mercado, principalmente por meio das imagens, daquilo que deseja mostrar.

Com pouco menos de seis anos de vida, o *Instagram* surgiu para ser uma rede social de compartilhamento de fotos (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2016) – sua adesão, como dito, já configura uma busca pelo estético. Seu cofundador foi um brasileiro chamado Mike Krieger, e seu sucesso foi instantâneo: no mesmo dia em que estreou, o aplicativo ou *app* tornou-se o mais baixado da loja virtual *Apple Store*, atingindo um milhão de usuários em menos de dois meses.

A primeira versão do que viria a ser o logotipo da marca foi compartilhada no *Instagram* do parceiro de Mike no projeto, onde obteve diversas curtidas. Em pouco tempo, o aplicativo foi vendido à rede social Facebook e hoje é parte do conglomerado de Mark Zuckerberg, criador da rede de relacionamentos, que, igualmente, contribui para uma estetização da vida cotidiana.

## A ESTETIZAÇÃO E A ESPETACULARIZAÇÃO DA LEITURA

No capitalismo artista, de Lipovetsky, cria-se valor econômico por meio do valor estético e experiencial, “ele se afirma como um sistema concepor, produtor e distribuidor de prazeres, de sensações, de encantamento” (LIPOVETSKY, 2015, p.43). Com a análise dos nomes de alguns perfis no *Instagram* voltados à leitura, pode-se verificar uma busca pelo destaque ou mesmo a manifestação de uma personalização que vem da busca pelo estético, ao mesmo tempo em que se obtém um reconhecimento intelectual. Na concepção dada por Lipovetsky, tudo em nosso ambiente é “retocado, designado, paisageado” com o objetivo de conquistar mercados. Para o autor, o que ocorre é uma “artealização” de todas as coisas, uma verdadeira extensão do domínio do belo. Isso pode ser verificado em todas as ações de pessoas e marcas atualmente, e um lugar apropriado para isso são redes sociais como o *Instagram*.

Não apenas os produtos industriais, mas também a publicidade, as revistas, os platôs da televisão, os sites de internet são objetos de um trabalho estilístico (*mise-en-scène*, busca de ambiência e de originalidade, decoração, renovação rápida das formas e dos estilos) realizado por profissionais especializados (LIPOVETSKY, 2015, p.50).

O levantamento feito no Instagram de perfis associados à leitura, leitores, literatura e livros foi feito a partir de uma busca aleatória. A partir da digitação do prefixo *lei\_* no mecanismo de busca do *Instagram*, foram identificados em torno de 100 perfis, com os mais variados nomes ligados à *leitura*, *leitores*, *livros* e *literatura*. Desses, foram separados 28 perfis que continham em seu nome, além de termos ligados à prática de leitura, adjetivos e substantivos que exaltassem a leitura, colocando a atividade em um *status* de privilégio (quase afetivo) por parte de seus seguidores, conforme listados abaixo (grifos dos autores):

@**mag**o\_literário  
@**amante**.livros  
@**carpedi**emliterario  
@**meuvicio**emlivros.blog  
@livraticos  
@leitura\_**sem\_limites**  
@**louca**\_por\_livross  
@**amoree**livros  
@**devorando**\_livros\_  
@leitura\_**meuvicio**  
@**comemos**.livros  
@**sempre**livros  
@**perdidos**noslivros  
@**oasis**literario  
@umlivro**aposo**outro  
@**amor**.aos.livros  
@**flores**\_e\_livros  
@\_**amor**porlivro  
@**amoler**\_leituraevida  
@**poser**\_literario  
@**amantes**porlivros  
@cafelivrose**amor**\_  
@leitura\_**amor**  
@**pegador**adelivros  
@**viciados**.em.leitura  
@**amo**\_leitura\_  
@**fome**deleitura  
@leitura**ilimitada**

Os perfis analisados pertencem, em sua maioria, a jovens leitores, de diversos locais do Brasil; sempre que possível, esses administradores se fazem presentes enquanto indivíduos, postando fotos e comentários pessoais em seus perfis e também em outros perfis relacionados dos quais são seguidores ou por quem são seguidos, numa interação desmedida e constante. Como menciona Paz (1991, p.331), na modernidade o ser humano entra em cena, “desaloja a divindade, e se depara com a não significação do mundo”. É como se a realidade

fosse aquela do perfil, “fechada em si mesma, incomunicada e incomunicável” e, ao mesmo tempo, a realidade desejada e aprimorada por valores estéticos.

Uma prática comum encontrada na maioria dos perfis foi a postagem de fotos que trazem a estantes ou espaços onde o leitor-administrador do perfil e outros seguidores guardam seus livros, o *yourself bookshelf*, como é denominada entre eles, pois, como afirma Debord (2003), a sociedade do espetáculo define seu próprio conteúdo técnico, em uma espécie de "consumo alienado", mais caracterizado pela "afirmação da aparência". Existe, inclusive, entre os perfis, a prática de trocas de fotos com essa temática. Essa característica relata um padrão, que pode ser considerado uma tentativa de espetacularização e estetização da prática de leitura: mais importante do que ler, é mostrar o que se lê – e saber o que os outros estão mostrando sobre suas práticas de leitura. Nesses espaços, o livro é colocado como mercadoria, e em sua exposição está a diversão, o *entertainment*.

Nos perfis analisados, também não foram encontradas obras consideradas como canônicas pela crítica literária, mas textos consagrados pelas mídias convencionais (digitais e *off-lines*) e independentes, para as quais a internet é terreno farto. Para essa geração de leitores, a identidade é regida pelo *ideal de eu* (SANTAELLA, 2007, p.110), o qual “aponta para uma instância em que convergem o narcisismo e a identificação com a fonte parental”. Isto é, esse jovem leitor busca seguir um modelo – talvez de outros leitores ou de ídolos que o dono daquele perfil considera belos e atraentes no contexto digital, seja qual for o padrão de seleção escolhido – beleza, intelectualismo, qualidade das fotos, entre outros.

## FIGURAS 2 E 3



FIGURAS 4 E 5



FONTE: PERFIS @MEUVICIOEMLIVROS.BLOG E @LIVRATICOS.

## FIGURAS 6 E 7



FONTE: PERFIS @DEVORANDO\_LIVROS\_ E @MAGO\_LITERARIO.

Verifica-se, ainda, nos perfis analisados para esse estudo, a presença de objetos simbólicos da mercantilização da arte, como bonecos de personagens de filmes hollywoodianos, *souvenirs* de viagens, *paper-arts* e outros *gimmicks* de



publicidade, *best-sellers* midiáticos, latas de refrigerante colecionáveis, itens de design e com design, entre outros elementos estéticos (figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6). No que tange a uma reflexão do Instagram como parte de nossa cultura livresca, o aplicativo parece funcionar como um livro feito de platôs: “o que acontece a um livro feito de ‘platôs’ que se comunicam uns com os outros através de microfendas, como num cérebro? Chamamos ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma” (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p. 32). As imagens postadas nos diferentes perfis do Instagram, como que em camadas sobrepostas, se conectam, sem necessariamente versarem sobre um mesmo tema, conforme apontado acima. Neste sentido, o aplicativo parece fugir da cultura do decalque.

[...] o livro é forçosamente um decalque: de antemão, decalque dele mesmo, decalque do livro precedente do mesmo autor, decalque de outros livros sejam quais forem as diferenças, decalque interminável de conceitos e de palavras bem situados, reprodução do mundo presente, passado ou por vir. Mas o livro anticultural pode ainda ser atravessado por uma cultura demasiado pesada: dela fará, entretanto, um uso ativo de esquecimento e não de memória, de subdesenvolvimento e não de progresso a ser desenvolvido, de nomadismo e não de sedentarismo, de mapa e não de decalque (DELEUZE e GUATTARI, 2000, p 45).

Em alguns casos, mais especificamente na *yourself bookself*, percebemos uma lógica de decalque de um modelo pré-existente. Então, o Instagram que poderia ser utilizado como mapa, criação e até uma absoluta desreferenciação, é, na verdade, um decalque de outras fotos ou de modelos visualizados no cotidiano. Em nome de uma busca insistente pelo reconhecimento, perde-se a oportunidade de trazer o novidadeiro – o novo gera estranhamento. Assim, prefere-se a lógica da estetização espetacularizada. Se já vimos como funciona a estetização do mundo na sociedade contemporânea, agora é a vez da espetacularização.

Segundo Debord (2003), o espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupa a vida social, “nada mais se vê senão ela: o mundo visível é seu mundo” (DEBORD, 2003, p.32). Assim, “o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante” ((DEBORD, 2003, p.15); isso significa que esses administradores dos perfis, na verdade, buscam mostrar para si e para o mundo

uma aparência ideal, fetichista, e talvez também resida aí o fato da rede social Instagram ter tanto sucesso, sobretudo entre jovens e adolescentes. "Os bens selecionados pelo sistema espetacular são também as suas armas para o reforço constante das condições de isolamento das multidões solitárias" (DEBORD, 2003, p.25). Para esses jovens, os livros configuram uma forma de consumir, de fazer parte e ser aceito por um determinado grupo, via postagem na rede social, perdendo a oportunidade de tornar o livro e a leitura parte daquele "n-1" de que Deleuze e Guattari desenvolvem, isto é, em termos gerais, um efeito surpresa, a novidade.

Por fim, nenhum dos 28 perfis analisados foi citado em matérias a respeito de perfis do *Instagram* "para quem ama ler", que analisam as postagens a partir do tipo de obras e autores tratados, segundo os cânones e conforme um texto publicado na Revista Bula no ano passado, que aborda os mais respeitados perfis literários no *Instagram* (REVISTA BULA, 2016), corroborando a ideia de que, para esses jovens, o "cânone" é a sociedade do consumo, a mídia, a publicidade e o entretenimento, e não aquilo que é consagrado. É interessante, no entanto, notar essa sublevação contra um cânone estanque.

Além disso, os perfis citados não tratam do conteúdo das obras e, sim, de modos de perceber e de se apropriar do estético. Segundo Paz (1991, p.321), "o mundo como imagem desaparece e em seu lugar se levantam as realidades da técnica, frágeis apesar de sua solidez já que estão condenadas a ser negadas por outras realidades".

Para Lipovetsky (2015), a lógica do capitalismo artista torna o mundo um lugar de reafirmação do belo, em todos os espaços e coisas. Assim, o papel exercido pelos jovens leitores nas redes sociais busca mostrá-los com estilo e diferenciação frente a outros leitores e seguidores. A ideia de uma rede social predominantemente imagética já é, por si, uma constante "afirmação da aparência" citada por Debord, na qual "*o que parece é bom, o que é bom parece*" (DEBORD, 2003, p.16). Para o autor, o espetáculo é a mercadoria ocupando o mundo social, pois, no contexto do *Instagram* e na lógica desses jovens, o livro também se torna um objeto de espetacularização, uma forma de atingir certo grau de distinção e reconhecimento nas redes sociais, onde o mais importante é ser seguido através de uma intensa acumulação de espetáculos e de entretenimento. Pode-se, portanto, afirmar que há, sim, uma espetacularização

e uma estetização da leitura na rede social *Instagram* atualmente, e que elas vão além da rede social, atingindo outras esferas da rede e da vida pública ou privada dos indivíduos. Essa questão vem permeada a uma “estetização do mundo”, como sugere Lipovetsky (2015). Ou, ainda, como afirma Paz (1991, p.321), a poesia hoje se depara com uma “imagem de um mundo sem imagem”, em um tempo que “carece de substância”, consequências da técnica. Nesse contexto, a leitura deixa de ser solitária, formativa ou simplesmente prazerosa e se torna mais um momento de afirmação de escolhas da sociedade de consumo e, por que não, de *afirmação do eu ideal*.

Para futuros trabalhos, é possível ampliar a discussão a partir de uma análise mais detalhada dos tipos de obras lidas por esses jovens leitores, bem como a experiência e contato desses com obras do cânone, via redes sociais, e sobre o que consideram ser, de fato, literatura. Ou, ainda, promover uma investigação de outros hábitos desses jovens, ligados ao uso de tecnologias de dispositivos móveis, para que se possa identificar práticas de leituras em meios digitais.

Nesse ínterim, também é recomendada uma pesquisa que se estenda para outros estudos mais aprofundados dos perfis desses jovens em busca da obtenção de dados demográficos e conhecimentos ligados à arte e à cultura, bem como a verificação da migração de objetos literários provindos de outros meios digitais, como blogs e sites, para redes sociais como o *Instagram*, o *Facebook*, o *SnapChat* e o *Youtube*.

**ANEXO A**

## QUESTIONÁRIO INICIAL

**PESQUISA SOBRE PRÁTICAS DE LEITURA**

Aplicado em 5 de agosto de 2016

**ANTES DE TUDO, PREENCHA OS ITENS COM SEUS DADOS:**

NOME: \_\_\_\_\_.

CURSO: \_\_\_\_\_ PERÍODO \_\_\_\_\_.

IDADE: \_\_\_\_\_.

## FAIXA SALARIAL FAMILIAR:

- De um a três salários mínimos.  
 De três a cinco salários mínimos.  
 De cinco a sete salários mínimos.  
 Acima de sete salários mínimos.

ORIENTAÇÃO SEXUAL: \_\_\_\_\_.

## ESTADO CIVIL:

 Solteiro  Casado(a)  Divorciado(a)  Viúvo(a)  Outro: \_\_\_\_\_.TEM FILHOS?  SIM. QUANTOS? \_\_\_\_  NÃO

VOCÊ TEM MOBILIDADE REDUZIDA OU ALGUM TIPO DE DEFICIÊNCIA?

 SIM.  NÃO.

## QUAL SUA COR?

- Branco  
 Pardo  
 Negro  
 Outra

## COSTUMA VIAJAR NAS FÉRIAS?

SIM. PARA ONDE FOI SUA ÚLTIMA VIAGEM? \_\_\_\_\_.  
 NÃO

**AGORA RESPONDA O QUESTIONÁRIO:**

**1. Com que frequência você lê?**

- Todos os dias.
- De uma a duas vezes por semana.
- Uma vez por mês.
- Raramente.
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**2. Com que frequência você lê literatura?**

- Todos os dias.
- De uma a duas vezes por semana.
- Uma vez por mês.
- Raramente.
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**3. Você costuma ler no computador ou em outros dispositivos eletrônicos?  
Caso a resposta seja “não”, pule a questão 4.**

- Sim, todos os dias.
- Sim, de vez em quando.
- Raramente.
- Não.
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**4. Quanto tempo você permanece lendo uma mesma obra em um dispositivo eletrônico?**

- De cinco a 15 minutos.
- Até meia hora.
- Mais de meia hora.
- Por algumas horas.
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**5. Quanto tempo você permanece lendo um livro impresso?**

- De cinco a 15 minutos.
- Até meia hora.
- Mais de meia hora.
- Mais de uma hora.
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**6. Que tipo de livros você costuma ler?**

- Literatura (romances, contos, crônicas, poesias, teatro, outros).
- Livros técnicos, relacionados ao trabalho.
- Livros técnicos, ligados à minha formação.
- Livros religiosos ou sobre espiritualidade.
- Outros. Especifique: \_\_\_\_\_

**7. Por que você lê?**

- Por hábito, para pegar no sono ou passar o tempo.
- Por prazer.
- Por necessidade (acadêmica ou profissional).
- Porque gosto de me manter informado.
- Por outro motivo. Especifique: \_\_\_\_\_

**8. Quando você lê?**

- Quando estou à espera de algo ou alguém, para me distrair.
- Quando estou no ônibus, para passar o tempo.
- Quando meu trabalho ou um curso que estou fazendo exigem.
- Quando preciso ficar por dentro de um assunto.
- Por outro motivo. Especifique: \_\_\_\_\_

**9. Qual desses livros você não leria?**

- Cinquenta Tons de Cinza, E.L. James
- O Alquimista, Paulo Coelho.
- O Capital, Marx.
- Dom Casmurro, Machado de Assis.
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**10. Entre as opções abaixo, qual é o seu escritor preferido?**

- Paulo Coelho.
- Dan Brown.
- J.R.R. Tolkien.
- Jorge Amado.
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**11. Qual desses poderia ser o seu livro de cabeceira?**

- O Código da Vinci, Dan Brown.
- Memórias Póstumas de Brás Cubas, Machado de Assis.
- Toda sua, Sylvia Day.
- O Senhor dos Anéis, J.R.R. Tolkien.
- Outro. Especifique: \_\_\_\_\_

**12. Qual dessas é sua editora preferida?**

- Rocco.
- Sextante.
- Cosac Naify.
- Intrínseca.
- Outra. Especifique: \_\_\_\_\_.

**13. Você costuma ler livros em outras línguas?**

- Não.
- Sim. Em qual idioma? \_\_\_\_\_.

*Caso a resposta seja "não", pule a questão 14.*

14. Acredita que esse tipo de leitura seja mais fácil em dispositivos eletrônicos, como *tablets*, celulares e outros?

- ( ) Não.
- ( ) Sim. Por quê?

15. Qual desses personagens mais marcou suas leituras?

- ( ) Bentinho, de Dom Casmurro.
- ( ) Mr. Grey, de Cinquenta Tons de Cinza.
- ( ) Marley, de Marley e Eu.
- ( ) Gandolf, de O Senhor dos Anéis.
- ( ) Outro. Especifique:\_\_\_\_\_.

16. Em que situação você costuma ler usando dispositivos móveis?

- ( ) Em viagens de trabalho ou de férias.
- ( ) No ônibus ou no carro.
- ( ) No clube ou em outro local em que estou a passeio.
- ( ) Na própria faculdade, trabalho ou biblioteca.
- ( ) Outro. Especifique:\_\_\_\_\_.

17. Além da leitura, que outros tipos de programas fazem parte da sua rotina?

- ( ) Ir ao teatro.
- ( ) Ir ao cinema.
- ( ) Ler revistas e jornais.
- ( ) Ler revistas, jornais, blogs e outros na *web*.
- ( ) Outro. Especifique:\_\_\_\_\_.

18. Conte um pouco sobre a experiência que teve com o **último livro** que leu e o que ele acrescentou em sua vida.

19. Qual foi a principal motivação para que você escolhesse a disciplina eletiva de *Comunicação, Literatura e Cibercultura*?

20. Qual a sua expectativa com relação à disciplina?

**OBRIGADA. : )**

## ANEXO B

## PLANO DE ENSINO | DISCIPLINA ELETIVA USADA PARA A COLETA DE DADOS

Escola:	Comunicação e Artes	Campus: Curitiba		
Curso:	Publicidade, Jornalismo, Relações Públicas, Música e Teatro	Ano/Semestre: 2016/02		
Código/Nome da disciplina:	<b>Comunicação, Literatura e Cibercultura</b> (disciplina eletiva)			
Requisitos:				
CH/Créditos:	72 h/a	Período: Vários	Turma: U	Turno: Manhã
Professor Responsável:	Fernanda Brandalise Bogoni			
Competências:	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver e incentivar o hábito da leitura.</li> <li>- Investigar as práticas e hábitos de leitura na Cibercultura e na contemporaneidade.</li> <li>- Ampliar e aperfeiçoar a capacidade individual de leitura de textos de gênero literário.</li> <li>- Aprimorar repertório e os sentidos analítico e crítico acerca do texto literário.</li> <li>- Promover reflexão crítica acerca da influência das tecnologias na literatura.</li> </ul>			

Semana		Temas de Estudo	Descrição das atividades a serem realizadas pelo aluno antes da aula	Procedimentos metodológicos: situações de aprendizagem	Procedimentos, instrumentos e critérios de avaliação		Materiais de apoio (Recursos)
						Peso	
1	03/08	Apresentação do programa da disciplina.					Projektor.
1	05/08	Introdução aos conceitos da disciplina: leitor, leitura, literatura, cânone literário.		Diálogo informal com os alunos a respeito de obras e leituras.			Projektor.
2	10/08	Introdução à teoria literária.		Leitura do texto: O que é literatura? Terry Eagleton.			Projektor + texto impresso.
2	12/08	Entrega dos Diários de Leitura e organização dos grupos para as atividades do semestre.		<i>Fanpage</i> no Facebook sobre <i>Práticas de Leitura</i> , que será alimentada pelos alunos.	Os Diários de Leitura e a <i>fanpage</i> da disciplina farão parte da avaliação do 2º bimestre.		



3	17/08	Os leitores brasileiros e o mercado editorial.					Projeto.
3	19/08	Leitura dos contos: O ovo e a galinha (Clarice Lispector) e A viagem da cozinheira lagrimosa (Mia Couto).		Discussão sobre os contos com base em conceitos teóricos e críticos sobre os temas.			Textos impressos.
	23/08 a 12/09	<b>AULA EM AVA</b> (2 HORAS)	Filme "Dentro de Casa"				
4	24/08	Semana Acadêmica					
4	26/08	Semana Acadêmica					
	28/08 a 28/10	<b>AULA EM AVA</b> (5 HORAS)	Fórum de Discussão sobre Livros				
5	31/08	Leitores, leitura, Estética da Recepção.	Entrega dos textos sobre o conto A viagem da cozinheira lagrimosa (Mia Couto).		Avaliação individual.	3,0	Projeto.
5	02/09	Orientação de seminários.					
	04/09 a 19/09	<b>AULA EM AVA</b> (3 HORAS)	Filme "O Carteiro e o Poeta"				
6	07/09	<b>FERIADO</b>					
6	09/09	<b>Leitura no campus.</b>	Se possível, trazer câmera fotográfica.	Individualmente, os alunos deverão sair pelo campus e fotografar pessoas em práticas de leitura diversas.	Essa atividade será postada na <i>fanpage</i> da disciplina e será avaliada no segundo bimestre.		Câmeras fotográficas.
7	14/09	Apresentação de Seminários.	Leituras de textos sobre: intertextualidade, autor e leitor, literatura digital, hipertexto, inclusão social e leitura, livro impresso e digital e crítica literária.		Avaliação individual e do grupo.	7,0	Projeto.

7	16/09	Apresentação de Seminários.	Leituras de textos sobre: intertextualidade, autor e leitor, literatura digital, hipertexto, inclusão social e leitura, livro impresso e digital e crítica literária.		Avaliação individual e do grupo.	7,0	Projeto.
	20/09 a 10/10	<b>AULA EM AVA (2 HORAS)</b>	<i>Filme "Mary &amp; Max"</i>				
8	21/09	A arte e a literatura.		Análise de objetos artísticos, literários ou não.			Projeto *A aula também poderá ser realizada por meio de uma visita ao museu.
8	23/09	Devolutivas dos seminários e notas do 1º bimestre.					
9	28/09	Gênero literário x gênero textual.		Análise de textos literários e não literários.			Projeto + texto impresso.
9	30/09	Literatura moderna e contemporânea.	As Flores do Mal, Charles Baudelaire.				Projeto
10	05/10	Leitura e discussão do conto: O homem na multidão, Edgar Allan Poe.		Discussão sobre os contos com base em conceitos teóricos e críticos sobre os temas.			Texto impresso.
10	07/10	A relação entre literatura e comunicação.					Projeto.
11	12/10	<b>FERIADO</b>					
11	14/10	O que é tecnologia?		Debate sobre o tema em sala, com divisão da turma em grupos.			Projeto + texto impresso.
12	19/10	Cibercultura: hipertexto, hiperídia e outros conceitos.					Projeto
12	21/10	Cibercultura		Aula expositiva, com discussão de texto.			Projeto + texto impresso.
13	26/10	A literatura em meios digitais.					Projeto
13	28/10	A literatura em meios digitais.		Aula expositiva, com discussão de texto.			Projeto + texto impresso.

14	02/11	Poesia digital.		Aula expositiva e análise de obras da poesia digital.			Projeto
14	04/11	<b>AULA NO LABORATÓRIO</b>		Discussão e ajustes sobre a página da disciplina no Facebook.	As atualizações da página irão até o dia 23/11, quando são encerradas as atividades do semestre.	5,0	Laboratório de Informática.
15	09/11	Palestra de profissionais do mercado de livros/editorial.					A <i>CONFIRMAR NOMES.</i>
15	11/11	A comunicação e a cultura das mídias.					Projeto
16	16/11	A comunicação e a cultura das mídias.					Projeto
16	18/11	Entrega dos Diários de Leituras e fechamento das atividades.	Finalizar todas as anotações realizadas todos os dias durante o semestre.	Trocas de experiências e informações com os colegas.	O projeto será avaliado pela entrega no prazo e cumprimento das atualizações solicitadas.	5,0	
17	23/11	Devolutivas e encontro final					
17		Exame Final					
18		Devolutiva Exame					
18							

## ANEXO C

## CARTA ENVIADA JUNTO AOS DIÁRIOS DE LEITURAS

Prezado \_\_\_\_\_,

Você está recebendo seu Diário de Leituras. Assim, peço que anote nesse caderno todos os seus hábitos e comportamentos em relação à leitura, de hoje até o dia 30 de novembro de 2016, quando encerra nosso semestre letivo. Todos os dias, você deve registrar nesse diário **O QUE LEU, POR QUANTO TEMPO LEU, EM QUE LOCAL** e usando **QUAL DISPOSITIVO**: livro impresso, *tablet*, celular, computador ou outro. Ao compreendermos melhor nossas próprias práticas de leitura, poderemos começar a compreender também, com mais afinco, as práticas de leitura na cibercultura, principalmente entre os estudantes, nosso objeto de estudo. Como pesquisadora na área e professora da disciplina eletiva de *Comunicação, Literatura e Cibercultura*, agradeço sua colaboração e carinho com o tema.

Um fraterno e literário abraço,

Profa. Fernanda Bogoni

Curitiba, 12 de agosto de 2016.